



**Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
Universidade de Coimbra**

**Orientações curriculares para o *Estudo do Meio*
no 1.º Ciclo do Ensino Básico
Uma análise à luz da teoria de Robert Gagné**

Dissertação de Mestrado em
Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores

Celeste Isabel Almeida Silva Simões

Coimbra, 2010



Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
Universidade de Coimbra

**Orientações curriculares para o *Estudo do Meio*
no 1.º Ciclo do Ensino Básico
Uma análise à luz da teoria de Robert Gagné**

Dissertação de Mestrado em *Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores*, apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra e realizada sob orientação da Professora Doutora Maria Helena Lopes Damião da Silva.

Celeste Isabel Almeida Silva Simões

Coimbra, 2010

Às minhas filhas e ao meu marido ...

A realização deste trabalho académico não teria sido possível sem o suporte de várias pessoas que nos acompanharam. Assim, aqui deixo algumas palavras de agradecimento:

- Às minhas filhas, em especial, por terem passado sem a mãe quando necessitavam de tempo, carinho, atenção...

- Ao meu marido, pelo seu apoio incondicional;

- À minha colega Leonilde, uma grande amiga, sempre disponível para ouvir os meus lamentos e que me deu coragem para levar este barco a bom porto;

- À mãe do meu marido que cuidou das minhas filhas quando não estava e se mostrou sempre disponível.

- Aos meus pais e à minha irmã que sempre me incentivaram a continuar os meus estudos;

- À Professora Doutora Maria Helena Damião, a humildade, a amizade, a disponibilidade, a supervisão científica;

- Aos professores da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra e aos colegas de Mestrado pelos ensinamentos;

- A todos quanto, de alguma forma, me trouxeram, uma palavra de incentivo.

Índice

Introdução.....	15
Capítulo I.....	19
O Estudo do Meio no 1.º Ciclo do Ensino Básico	19
1.1. Orientações gerais para o ensino do Estudo do Meio	24
1.2. Orientações específicas para ensino do Estudo do Meio	35
Capítulo II.....	53
As orientações curriculares para o Estudo do Meio	53
 analisadas à luz da teoria de Gagné	53
2.1. Referencial teórico adoptado	54
2.2. Objectivos de estudo, procedimentos e instrumentos.....	62
2.3. Capacidades cognitivas nas orientações curriculares e programáticas	64
Reflexão final.....	73
Referências bibliográficas	77

Índice de Figuras, Quadros e Grelhas

Figuras

Figura 1 – Esquema de Robert Gagné (Adaptação da ideia do autor, 1975).....	56
Figura 2 - Formas de aprendizagem (Adaptação de Gagné, <i>The Conditions of Learning</i> , 1977)..	58
Figura 3 - Esquema de Gagné 1975 (Adaptação).....	59
Figura 4 – Verbos que descrevem as várias capacidades para estruturar o ensino segundo Gagné (Gagné, 1987, 101, adaptado).....	60

Quadros

Quadro I – Objectivos gerais do Ensino Básico constantes na Lei de Bases do Sistema Educativo.....	25
Quadro II – Competências gerais e operacionalização transversal - (Currículo Nacional do Ensino Básico, 2001, 15,17-26).....	27
Quadro III – Objectivos gerais do 1º Ciclo do Ensino Básico <i>Organização Curricular e Programas – 1º Ciclo</i> , 2004, 13.....	29
Quadro IV – Dimensões dos objectivos gerais do Ensino Básico e sua especificação - <i>Organização Curricular e Programas – 1º Ciclo</i> , 2004, 15 – 16.....	30
Quadro V – Competências específicas Estudo do Meio – Currículo Nacional Ensino Básico, 2001,81-84.....	32
Quadro VI – Competências de final de 1º Ciclo de Estudo do Meio - <i>Organização Curricular e Programas – 1º Ciclo</i> , 2004, 84.....	34
Quadro VII – Matriz Curricular do 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	35
Quadro VIII – Princípios programáticos para a área de Estudo do Meio, 101-110.....	36
Quadro IX – Programa de Estudo do Meio no 1º Ciclo do Ensino Básico -1º, 2º, 3º e 4º anos....	38
Quadro X – Programa de Estudo do Meio do 1º Ciclo do Ensino Básico - 1º, 2º, 3º e 4º anos....	41
Quadro XI – Programa de Estudo do Meio do 1º Ciclo do Ensino Básico - 1º, 2º, 3º e 4º anos....	43
Quadro XII – Programa de Estudo do Meio para o 1º ciclo do Ensino Básico - 1º, 2º, 3º e 4º anos.....	45
Quadro XIII – Programa de Estudo do Meio para o 1º ciclo do Ensino Básico - 1º, 2º, 3º e 4º anos.....	47
Quadro XIV – Programa de Estudo do Meio para o 1º Ciclo do Ensino Básico - 3º e 4º anos.....	49

Grelhas

Grelha A – Capacidades cognitivas enunciadas por R. Gagné nos documentos curriculares.....	63
Grelha B – Síntese da presença das capacidades cognitivas enunciadas por R. Gagné.....	64
Grelha C – Compilação da análise dos dados da Grelha A e da Grelha B em relação às capacidades enunciadas por Gagné e que o ensino deve estruturar.....	70

Resumo

O Estudo do Meio é, a par da Língua Portuguesa e da Matemática, uma área curricular fundamental no 1. Ciclo do Ensino Básico, ainda que desprevenidamente se afigure de menor relevo nas aprendizagens iniciais. Repartindo-se as orientações da tutela a ela respeitantes por diversos documentos, a visão de conjunto que lhe dá sentido e que é fundamental nas tarefas de planificação e leccionação desenvolvidas pelos professores, corre o risco de se perder.

Assim, no presente trabalho procedeu-se, num primeiro momento, à sua sistematização para, num segundo momento, se submeterem a uma análise assente na teoria de R. Gagné, a fim de verificar que capacidades cognitivas indicadas por este autor nelas são indicadas como objecto de ensino. A terminar, discutem-se os dados obtidos por essa análise à luz de algum conhecimento pedagógico, procurando-se retirar implicações para as práticas docentes.

Resumé

L'Environnement d'Étude est, comme la Langue Portugaise et des Mathématiques, une matière centrale dans le 1er Cycle de l'Éducation de base, bien qu'il semble de moins pertinence dans l'apprentissage. En divisant les lignes directrices relatives à plusieurs de ses documents de tutelle, la la vue d'ensemble qui lui donne sens e til est essentiel à la tache de planification élaborés par les enseignants, et l'enseignement, este n danger de se perdre.

Ainsi, ce travail a procédé, première, à sa systématisation, d'autre part, de se soumettre à un examen théorique base en robert Gagné, afin de vérifier que les capacite cognitives affichée par l'auteur en sont identifiés en tant que sujet l'éducation. Enfin, nous discuterons des resultat donnés par cette analyse à la lumière de certaines connaissances pédagogiques, en cherchant à en tirer les conséquences pour les pratiques d'enseignement.

Abstract

The Environment Study is, like Portuguese Language and Mathematics, an important curriculum area in the 1st Cycle of Basic Education, in spite of appearing minor in early learning. Separated into the guidelines relating to her guardianship by several documents, the overall view that gives and it is to the planning task developed by teachers and teaching, could be lost.

Therefore, this work proceeded, at first, for its systematization, in other hand, to submit to an examination by Robert Gagné's theory in order to verify that cognitive abilities indicated by the author that identified as the subject of education. Finally, we discuss the acquired data by this analysis by the light of some pedagogical knowledge, seeking to draw implications for teaching practices.

Introdução

“O Currículo do Ensino Básico diz respeito ao conjunto das aprendizagens que os alunos realizam, ao modo como estão organizadas, ao lugar que ocupam e ao papel que desempenham no percurso escolar ao longo do ensino básico.”

Currículo Nacional do Ensino Básico, 2001

“A arte de ensinar é sutil e rara, de mais lenta e muito mais difícil aquisição... a técnica de ensinar crianças é terreno especialmente movediço em que os letrados se atolam quando não têm aptidões.”

José M. Gaspar, 1945, 65.

Todo o processo educativo constitui actualmente temáticas, tempos de reflexão e análise sobre os documentos macro-curriculares, discutidos no nosso panorama social e pedagógico. Nesse sentido, currículo e programa são dois termos chave, em torno dos quais se pode construir uma nova visão de escola.

O termo "currículo" refere-se a diferentes realidades, consoante o nível em que nos colocamos. Segundo Zabalza, o currículo, “ traduz o que em cada momento cultural e social, é definido como o conjunto de conhecimentos, de habilidades, de valores e experiências, comuns desejados por um povo. E na medida em que se apresenta em termos prescritivos, podemos referir-nos a ele como um conjunto de experiências de aprendizagem (pelas quais) devem passar (todos os alunos) de sistema escolar (Zabalza, 1992, 13, cit. Damião 1996, 61). Num primeiro nível, é identificado com um conjunto de orientações estabelecidas pelas autoridades

educativas, mas, num outro nível, está associado ao modo como o professor orienta e organiza efectivamente o processo de ensino aprendizagem e às tarefas que propõe aos seus alunos.

Esta ideia de currículo é a que passamos a reflectir, sendo que ele constitui uma base de trabalho que permite o desenrolar da acção docente. Deste modo, consideraremos o currículo como um grupo de pressupostos de partida, das metas que se desejam alcançar e das estratégias implementadas para as alcançar; não poderemos descurar a ideia básica e fundamental de que não pode deixar de ser considerado como um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes – carácter prático do currículo.

Por outro lado, considerando os conteúdos programáticos a leccionar na disciplina de Estudo do Meio ao longo do Ensino Básico, remetemo-nos à ideia de que eles constituem o ponto de referencial inicial para qualquer professor que deseje reflectir sobre o seu trabalho. Esta panóplia de conteúdos programáticos, representa o principal instrumento para possibilitar a concretização de projectos gerais que possam ir descendo pouco a pouco à situação concreta representada por cada escola de acordo com a sua contextualização social, cultural e geográfica.

De acordo com Zabalza (1992, 13 “O programa reflecte o marco geral comum a que deve adequar-se o ensino (por isso se diz que uma das suas características é a prescrição, o carácter normativo e obrigatório das suas previsões”.

A fim de complementar o nosso estudo investigativo adoptámos como referencial de análise a teoria de aprendizagem de Robert Gagné, mais especificamente no que diz respeito aos processos de aprendizagem.

A nossa Dissertação possui assim um teor teórico empírico, desde a reflexão sobre as orientações estáticas do Ministério, o trabalho do professor à luz de determinados referenciais até ao trabalho no 1º Ciclo na área de Estudo do Meio, aprofundando a análise das competências e programa para o 1º Ciclo do Ensino Básico na área de Estudo do Meio, cujo objectivo central é a adaptação à sociedade global.

Toda a análise que realizarmos no âmbito desta dissertação assenta no quadro normativo-legal regulamentador, Ensino Básico, devemos incluir a Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei n.º 49/2005 de 30 de Agosto), que estabelece os princípios gerais que o devem nortear; o Decreto-Lei n.º 6/2001 de 18 de Janeiro, que sistematiza e regulariza, entre outros aspectos, os pressupostos da organização e gestão curricular para este nível, bem como o processo de desenvolvimento do mesmo, e a avaliação das aprendizagens. O Currículo Nacional do Ensino Básico, publicado em 2001, que determina o conjunto de competências gerais, transversais e específicas que os alunos devem adquirir em cada área curricular, bem como as competências que devem demonstrar à saída de cada ciclo, por último o Programa da Disciplina, publicado em 1991, que integra os objectivos e conteúdos a serem leccionados em cada ano de escolaridade.

Capítulo I

O Estudo do Meio no 1.º Ciclo do Ensino Básico

“Programar um currículo significa estabelecer a mediação no seio de diversidade através de um consenso operativo (diversidade de posições, de competências, de interesses), a construir sobre o terreno, com trabalho, mas sem se ficar pelos aspectos puramente formais.”

Miguel Zabalza, 1992, 30.

No ano lectivo de 1996/97, o Ministério da Educação, através do Departamento da Educação Básica, considerando necessária uma reorganização curricular que estivesse mais de acordo com as orientações internacionais para o ensino, lançou o projecto de *Reflexão participada sobre os currículos do ensino* que se apresentava como a possibilidade de decidir caminhos de educação e de formação que visassem o desenvolvimento de todas as crianças e jovens, com vista ao sucesso académico.

Na óptica da tutela, esta iniciativa ganhava particular sentido no quadro do 1.º Ciclo, pelo facto deste ser, à altura, marcado por uma grande dispersão da rede escolar e pelo isolamento e falta de condições de muitas escolas, trabalhando cada professor por regra, individualmente, em função de perspectiva que tinha do programa ou programas.

Neste particular, iniciou-se, com a colaboração de vários parceiros educativos, um intenso processo de análise que, tomando como referência experiências pedagógicas inovadoras desenvolvidas em várias escolas, deveria permitir encontrar respostas para os problemas de fundo que o sistema educativo apresentava.

Um dos problemas, identificado como prioritário era a existência de programas extensos e prescritivos, organizados por disciplinas e anos de escolaridade, que contribuiriam para uma excessiva uniformização do ensino. Em alternativa, afirmava-se a necessidade de ampliar a autonomia das escolas e dos professores, nomeadamente no que respeita ao desenvolvimento de novas práticas de gestão do currículo, o que veio a ficar legitimado no Decreto-lei 286/89, de 29 de Agosto e no Despacho normativo n.º 98-A/92, de 20 de Junho, alterado pelo Despacho normativo n.º 644-A/94, de 13 de Setembro.

A reorganização curricular desencadeada em 2001 defende determinados princípios. Um desses princípios é a flexibilidade, que rejeitando a lógica tradicional, rígida e centralista, requer a interpretação de cada contexto de trabalho, consideração dos recursos disponíveis e tomadas de decisão apropriadas. Assim, a noção de Currículo integra a procura de respostas adequadas às diversas necessidades e características de cada aluno, grupo de alunos, escola ou região. Numa visão abrangente e aberta, o currículo é sobretudo um processo gradual e contínuo, envolvendo observação, reflexão e ajustamento das orientações da Tutela às realidades concretas.

Embora as escolas e os seus professores sempre tenham sido determinantes na gestão do currículo, a verdade é que se lhe atribuiu uma maior autonomia, protagonismo e capacidade de decisão relativamente aos modos de organizar e conduzir os processos de ensino-aprendizagem, o que constituiu um enorme desafio e será preciso ter-se consciência que as mudanças serão forçosamente lentas e graduais.

Acresce que a noção de currículo em causa pressupõe que se estabeleçam diferentes caminhos para que se atinjam os principais objectivos. Trata-se de promover a diferenciação pedagógica, diversificando as estratégias de acordo com os ritmos dos alunos e os modos de organização do trabalho escolar.

Aliada a esta indicação, esclarece-se que não se trata de formular "objectivos mínimos", numa lógica de promover um ensino cada vez mais pobre para que todos possam cumprir a escolaridade obrigatória.

Um outro aspecto a destacar como fundamental na nova visão de currículo diz respeito à avaliação das aprendizagens, a que se imprime um carácter essencialmente formativo, implicando interpretação, reflexão, informação e decisão no sentido de promover ou melhorar a evolução dos alunos. A posição que se adopta consiste, pois, em considerar o currículo e a avaliação como componentes integradas de um mesmo sistema e não como sistemas separados.

Nesse sentido é fundamental existir uma consistência entre os objectivos curriculares, as formas de trabalho e os procedimentos de avaliação, de modo a evidenciarem-se aspectos em que as aprendizagens precisam de ser melhoradas, e modos de superar as dificuldades, tomando sempre como base os interesses e aptidões dos alunos, valorizando o que (já) sabem e são capazes de fazer, não se centrando na identificação daquilo que (ainda) não sabem.

Para além desta avaliação, faz sentido uma avaliação global no fim do Ensino Básico, a qual deverá atender especialmente ao percurso do aluno e ao progresso das aprendizagens que realizou, processo desejavelmente apoiado em modalidades de avaliação de carácter globalizante e interdisciplinar, com o foco na utilização e integração de conhecimentos disciplinares e em competências de natureza transversal, como a autonomia, o sentido de responsabilidade e as capacidades de organização e de comunicação.

A nova visão de currículo aqui exposta pressupõe, como já referimos, que o papel da escola e dos professores não se situe essencialmente no terreno da execução mas sim no da decisão a vários níveis: da própria escola, da turma e do professor. Ao decidir, dentro dos limites estabelecidos a nível nacional, sobre a

organização das diversas áreas do currículo, os tempos lectivos, os problemas concretos a escola está a definir o seu próprio projecto curricular e os diversos projectos curriculares de turma.

É sobretudo a este último nível, da turma, que o conjunto das experiências de aprendizagem que se proporcionam aos alunos pode ganhar coerência no sentido de que todos aprendam e de modo realmente significativo. Valorizando-se uma "lógica de ciclo" a escola deverá proceder dos modos mais adequados face a cada aluno de modo a garantir que as aprendizagens e competências estabelecidas para cada ciclo foram efectivamente desenvolvidas.

Nesta perspectiva, não basta adquirir conhecimentos, é necessário compreender, dar sentido e saber usar o que se aprende, assim como desenvolver o gosto por aprender e a autonomia no processo de aprendizagem. Esta preocupação central implica que se dê uma atenção especial à natureza das actividades de aprendizagem que os alunos realizam na escola, promovendo-se as atitudes e os hábitos favoráveis, simultaneamente, à experimentação e à reflexão, integrando-se as dimensões teórica e prática nos processos de ensino e aprendizagem.

A reorganização curricular está associada à valorização das aprendizagens experimentais que, assumindo naturalmente uma expressão particular no ensino das ciências, dizem respeito a todas as áreas e disciplinas do currículo, de acordo com a natureza e características de cada uma e com o nível etário dos alunos. O trabalho prático, o uso de materiais, as actividades de natureza exploratória, experimental e investigativa - e, neste contexto, a utilização das tecnologias de informação e comunicação - desempenham um papel decisivo na aprendizagem.

Uma questão central neste ciclo tem a ver com o significado da monodocência coadjuvada e com o papel do professor titular de turma. A *coadjuvação* é frequentemente associada ao ensino nas áreas das Expressões, o que se compreende uma vez que estas áreas fazem parte integrante do currículo nacional e devem ser asseguradas. Porém, em diversas situações, considerando a formação, a experiência e a eventual especialização do professor titular da turma,

pode ser mais útil e necessário que o apoio incida numa outra área disciplinar. Por outro lado, a coadjuvação poderá assumir diversas modalidades, tendo em conta os recursos humanos e materiais que é possível e pertinente disponibilizar e o tipo de enquadramento.

O apoio ao professor titular pode incidir na forma de colaboração efectiva no trabalho directo com os alunos, pode envolver outro professor do 1º Ciclo, um professor do 2º ou 3º Ciclo da mesma escola ou agrupamento, um professor de outra escola, ou ainda outros docentes ou técnicos, no contexto, por exemplo, da actividade da autarquia ou de uma instituição local. No entanto, sejam quais forem as modalidades adoptadas e os intervenientes envolvidos, a coadjuvação deve ser encarada na perspectiva de um trabalho colaborativo, num processo em que o professor titular da turma é o coordenador e o principal responsável por assegurar o carácter integrador e globalizante da concretização do currículo, no quadro do projecto curricular definido para a sua turma.

Além destes documentos de carácter macro-curricular, e ao abrigo do Despacho n.º 9590/99 de 14 de Maio, relativo à Gestão Flexível do Currículo do Ensino Básico são, ainda, elaborados, ao nível de cada Agrupamento de Escolas/Escola outros documentos orientadores da acção dos docentes, como sejam o Projecto Educativo de Escola e o Plano Anual das Disciplinas.

Em sequência e como forma de tornar essa autonomia mais esclarecida foram sendo divulgadas brochuras que continham propostas de estruturação das aprendizagens como via de aquisição de competências essenciais a desenvolver nos vários ciclos do Ensino Básico.

Em termos de organização curricular propriamente dita, privilegiou-se o ensino da Língua Portuguesa, como matriz de identidade e suporte de aquisições múltiplas, foi criada a área de Formação Pessoal e Social, procurou-se introduzir e cimentar uma lógica interdisciplinar, e afirmou-se a avaliação do processo sobretudo numa óptica formativa e favorecedora da auto-confiança, reforçaram-se as estruturas de apoio educativo com a intenção de equilibrar a diversidade de

ritmos e capacidades dos alunos, incentivou-se a comunidade local na elaboração de projectos multidisciplinares e no estabelecimento de parcerias escola-instituições. Por outro lado, organizaram-se as diversas componentes do currículo em várias dimensões – humanística, artística, científica, tecnológica, física e desportiva –, visando, no seu conjunto a formação integral do educando e a sua preparação tanto para a vida activa como para a prossecução dos estudos.

1.1. Orientações gerais para o ensino do Estudo do Meio

Como referimos, um dos primeiros aspectos a destacar na reorganização curricular mais recente é a própria noção de Currículo que veicula. Nos documentos normativo-legais acima citados esclarece-se que diz respeito ao conjunto das aprendizagens que os alunos realizam, ao modo como estão organizadas, ao lugar que ocupam e ao papel que desempenham no percurso escolar ao longo do Ensino Básico.

Neste sentido, não se identifica com uma lista de disciplinas ou com um plano de estudos para cada ciclo ou ano de escolaridade, não devendo, pois, ser concebido nem interpretado como um conjunto de orientações rígidas e prescritivas, de modo que seja concretizado de maneira uniforme. Isto não significa que a tutela se tenha demitido de estabelecer os grandes objectivos para as aprendizagens básicas, nem as principais competências a desenvolver e os tipos de experiências educativas a proporcionar a todos, assim como a definição das áreas de conteúdo para os diversos ciclos de ensino.

Estas orientações estão patentes em diversos documentos normativos – legais, curriculares e programáticos, sendo o mais amplo deles a Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei n.º 46/1986, 14 de Outubro, revista, republicada e renumerada traduzindo-se na Lei n.º 49/2005, 30 de Agosto).

Efectivamente nesta Lei, o Ensino Básico afirma-se como a etapa de escolaridade que permite concretizar, o princípio democrático de preparação de todos os alunos para uma intervenção útil e responsável na sociedade. Assim sendo, nele se explicita um conjunto de objectivos gerais que sistematizamos no quadro I e no qual destacamos as que se nos afiguram ter mais directamente sentido para o Estudo do Meio, que constitui o nosso objecto de estudo.

Quadro I – Objectivos gerais do Ensino Básico constantes na Lei de Bases do Sistema Educativo

- a) Assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória, espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética, promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social;
- b) Assegurar que, nesta formação, sejam equilibradamente inter-relacionados o saber e o saber fazer, a teoria e a prática, a cultura escolar e a cultura do quotidiano;
- c) Proporcionar o desenvolvimento físico e motor, valorizar actividades manuais e promover a educação artística, de modo a sensibilizar para as diversas formas de expressão estética, detectando e estimulando aptidões nesses domínios;
- d) Proporcionar a aprendizagem de uma primeira língua estrangeira e a iniciação de uma segunda;
- e) Proporcionar a aquisição dos conhecimentos basilares que permitam o prosseguimento de estudos ou a inserção do aluno em esquemas de formação profissional, bem como facilitar a aquisição e o desenvolvimento de métodos e instrumentos de trabalho pessoal e em grupo, valorizando a dimensão humana do trabalho;
- f) Fomentar a consciência nacional aberta à realidade concreta numa perspectiva de humanismo universalista, de solidariedade e de cooperação internacional;
- g) Desenvolver o conhecimento e o apreço pelos valores característicos da identidade, língua, história e cultura portuguesas;
- h) Proporcionar aos alunos experiências que favoreçam a sua maturidade cívica e sócio-afectiva, criando neles atitudes e hábitos positivos de relação e cooperação, quer no plano dos seus vínculos de família, quer no da intervenção consciente e responsável na realidade circundante;
- i) Proporcionar a aquisição de atitudes autónomas, visando a formação de cidadãos civicamente responsáveis e democraticamente intervenientes na vida comunitária;

j) Assegurar às crianças com necessidades educativas específicas, devidas, designadamente, a deficiências físicas e mentais, condições adequadas ao seu desenvolvimento e pleno aproveitamento das suas capacidades;

l) Fomentar o gosto por uma constante actualização de conhecimentos;

m) Participar no processo de informação e orientação educacionais em colaboração com as famílias;

n) Proporcionar, em liberdade de consciência, a aquisição de noções de educação cívica e moral;

o) Criar condições de promoção do sucesso escolar e educativo a todos os alunos.

Lei de Bases do Sistema Educativo, 1986/2005, Artigo 7º

De seguida, não podemos deixar de dar conta das decisões educativas que de acordo com esta Lei foram legitimadas no Decreto-lei 6/2001 de 18 de Janeiro, que legitima a reorganização do Ensino Básico.

Decorrente do Decreto-lei acima referido e no mesmo ano da sua publicação foi proporcionado pelo Departamento da Educação Básica do Ministério da Educação, o Currículo Nacional - Competências Essenciais, com o propósito de nortear o trabalho das escolas e professores. Neste documento esclarece-se que o nível de ensino a que nos referimos deve proporcionar o desenvolvimento das competências, as quais distinguem de saberes: aquelas requerem e mobilizam estes, mas manifestam-se na acção. Possuir uma competência é, pois, ser capaz de aplicar em situações-problema, de encontrar soluções práticas e contextualizadas, denotando capacidades para as resolver, constituindo-se como uma mais-valia que permitirá vencer os desafios do dia-a-dia, preparando-os para a vida (escrever uma carta, enviar um telegrama, preencher um impresso, ser capaz de pesquisar um assunto do seu interesse, utilizando diversas fontes de informação...). Desta maneira, a Escola deve proporcionar aos alunos experiências educativas diversificadas, interdisciplinares, contextualizadas e que respondam aos seus interesses e necessidades concretas.

Para concretizar este propósito estabelecem-se neste documento competências gerais, transversais e específicas para as diversas áreas disciplinares.

As competências gerais, em número de dez, procuram dar corpo, identidade a todo o Ensino Básico. Dada a sua amplitude, traduzem-se nas competências transversais, assim designadas porque atravessam todos os patamares e as áreas de aprendizagem, devendo estar sistematicamente presentes no ensino que se proporciona aos alunos.

No quadro seguinte reproduzimos as referidas competências gerais e a sua operacionalização transversal, nele salientando as opções que nos parecem ter mais relevância mais directa para o Estudo do Meio, ainda que nesta área curricular nenhuma delas deva ser negligenciada

Quadro II – Competências gerais e operacionalização transversal
(Currículo Nacional do Ensino Básico, 2001, 15,17-26)

Competência Gerais	Operacionalização Transversal
Mobilizar saberes culturais, científicos e tecnológicos para compreender a realidade e para abordar situações e problemas do quotidiano.	<ul style="list-style-type: none"> • Prestar atenção a situações e problemas manifestando envolvimento e curiosidade • Questionar a realidade observada • Identificar e articular saberes e conhecimentos para compreender uma situação ou problema • Pôr em acção procedimentos necessários para a compreensão da realidade e para a resolução de problemas • Avaliar a adequação dos saberes e procedimentos mobilizados e proceder a ajustamentos necessários
Usar adequadamente linguagens das diferentes áreas do saber cultural, científico e tecnológico para se expressar.	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer, confrontar e harmonizar diversas linguagens para a comunicação de uma informação, de uma ideia, de uma intenção • Utilizar formas de comunicação diversificadas, adequando linguagens e técnicas aos contextos e às necessidades • Comunicar, discutir e defender ideias próprias mobilizando adequadamente diferentes linguagens • Traduzir ideias e informações expressas numa linguagem para outras linguagens • Valorizar as diferentes formas de linguagem
Usar correctamente a língua portuguesa para comunicar de forma adequada e para estruturar pensamento próprio	<ul style="list-style-type: none"> • Valorizar e apreciar a língua portuguesa, quer como língua materna quer como língua de acolhimento • Usar a língua portuguesa de forma adequada às situações de comunicação criadas nas diversas áreas do saber, numa perspectiva de construção pessoal do conhecimento • Usar a língua portuguesa no respeito de regras do seu funcionamento • Promover o gosto pelo uso correcto e adequado da língua portuguesa • Auto-avaliar a correcção e a adequação dos desempenhos linguísticos, na perspectiva do seu aperfeiçoamento

<p>Usar línguas estrangeiras para comunicar adequadamente em situações do quotidiano e para apropriação da informação</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender textos orais e escritos em línguas estrangeiras para diversificação das fontes dos saberes culturais, científicos e tecnológicos • Interagir oralmente e por escrito, em línguas estrangeiras para alargar e consolidar relacionamentos com interlocutores/parceiros estrangeiros • Usar a informação sobre culturas estrangeiras disponibilizada pelo meio envolvente, particularmente pelos média, com vista à realização de trocas interculturais • Auto-avaliar os desempenhos linguísticos em línguas estrangeiras quanto à adequação e à eficácia
<p>Adoptar metodologias personalizadas de trabalho e de aprendizagem adequadas a objectivos visados.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Expressar dúvidas e dificuldades • Planear e organizar as suas actividades de aprendizagem • Identificar, seleccionar e aplicar métodos de trabalho • Confrontar diferentes métodos de trabalho para a realização da mesma tarefa • Auto-avaliar e ajustar os métodos de trabalho à sua forma de aprender e aos objectivos visados
<p>Pesquisar, seleccionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisar, seleccionar, organizar e interpretar informação de forma crítica em função de questões, necessidades ou problemas a resolver e respectivos contextos • Rentabilizar as tecnologias da informação e comunicação nas tarefas de construção de conhecimento • Comunicar, utilizando formas diversificadas, o conhecimento resultante da interpretação da informação • Auto-avaliar as aprendizagens, confrontando o conhecimento produzido com os objectivos visados e com a perspectiva de outros
<p>Adoptar estratégias adequadas à resolução de problemas e à tomada de decisões</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar situações problemáticas em termos de levantamento de questões • Seleccionar informação e organizar estratégias criativas face às questões colocadas por um problema • Debater a pertinência das estratégias adoptadas em função de um problema • Confrontar diferentes perspectivas face a um problema, de modo a tomar decisões adequadas • Propor situações de intervenção, individual e, ou colectiva, que constituam tomadas de decisão face a um problema, em contexto
<p>Realizar tarefas de forma autónoma, responsável e criativa</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Realizar tarefas por iniciativa própria • Identificar, seleccionar e aplicar métodos de trabalho, numa perspectiva crítica e criativa • Responsabilizar-se por realizar integralmente uma tarefa • Valorizar a realização de actividades intelectuais, artísticas e motoras que envolvam esforço, persistência, iniciativa e criatividade • Avaliar e controlar o desenvolvimento das tarefas que se propõe realizar

Cooperar com os outros em tarefas e projectos comuns	<ul style="list-style-type: none"> • Participar em actividades interpessoais e de grupo, respeitando normas, regras e critérios de actuação, de convivência e de trabalho em vários contextos • Manifestar sentido de responsabilidade, de flexibilidade e de respeito pelo seu trabalho e pelo dos outros • Comunicar, discutir e defender descobertas e ideias próprias, dando espaços de intervenção aos seus parceiros • Avaliar e ajustar os métodos de trabalho á sua forma de aprender, às necessidades do grupo e aos objectivos visados
Relacionar harmoniosamente o corpo com o espaço, numa perspectiva pessoal e interpessoal promotora da saúde e da qualidade de vida	<ul style="list-style-type: none"> • Mobilizar e coordenar os aspectos psicomotores necessários ao desempenho de tarefas • Estabelecer e respeitar regras para o uso colectivo de espaços • Realizar diferentes tipos de actividades físicas, promotoras de saúde, do bem-estar e da qualidade de vida • Manifestar respeito por normas de segurança pessoal e colectiva

Um outro documento imprescindível para o trabalho de organização do Ensino ao nível do 1º Ciclo em concreto complementa este que acabámos de referir, é o que se designa por *Organização Curricular e Programas*, o qual, além de compilar os programas homologados antes da revisão curricular, tenta conciliá-los com as novas orientações educativas patentes no Decreto-lei 6/2001 de 18 de Janeiro, e no Currículo Nacional. Nele se evidenciam três grandes objectivos, a perseguir no Ensino Básico, os quais se nos afiguram centrais no Estudo do Meio. São eles:

Quadro III – Objectivos gerais do 1º Ciclo do Ensino Básico
Organização Curricular e Programas – 1º Ciclo, 2004, 13.

- | |
|--|
| <ul style="list-style-type: none"> - Criar as condições para o desenvolvimento global e harmonioso da personalidade, mediante a descoberta progressiva de interesses, aptidões e capacidades que proporcionem uma formação pessoal, na sua dupla dimensão individual e social. - Proporcionar a aquisição e domínio de saberes, instrumentos, capacidades, atitudes e valores indispensáveis a uma escolha esclarecida das vias escolares ou profissionais subsequentes. - Desenvolver valores, atitudes e práticas que contribuam para a formação de cidadãos conscientes e participativos numa sociedade democrática. |
|--|

Cada um destes objectivos e de seguida, especificado noutros mais particulares referentes, respectivamente às áreas de dimensão pessoal, da aquisição intelectual e da cidadania, conforme de pode ver no seguinte quadro, no qual apresentamos as dimensões dos objectivos gerais do Ensino Básico

Quadro IV – Dimensões dos objectivos gerais do Ensino Básico e sua especificação
Organização Curricular e Programas – 1º Ciclo, 2004, 15- 16

Dimensões	Especificação
Pessoal	<ul style="list-style-type: none"> - Promover a criação de situações que favoreçam o conhecimento de si próprio e um relacionamento positivo com os outros no apreço pelos valores da justiça, da verdade e da solidariedade. - Favorecer o desenvolvimento progressivo de sentimentos de autoconfiança. - Proporcionar, em colaboração com os parceiros educativos, situações de ensino-aprendizagem, formais e não formais, que fomentem: a expressão de interesses e aptidões em domínios diversificados; a experimentação e auto-avaliação apoiada desses interesses e aptidões. - Favorecer, no respeito pelas fases específicas de desenvolvimento dos alunos, uma construção pessoal assente nos valores da iniciativa, da criatividade e da persistência. - Criar condições que permitam: apoiar compensatoriamente carências individualizadas; detectar e estimular aptidões específicas e precocidades. - Incentivar o reconhecimento pelo valor social do trabalho em todas as suas formas e promover o sentido de entreaajuda e cooperação.
Aquisição Intelectual	<ul style="list-style-type: none"> - O domínio progressivo dos meios de expressão e de comunicação verbais e não verbais; - A compreensão da estrutura e do funcionamento básico da língua portuguesa em situações de comunicação oral e escrita; - O conhecimento dos valores característicos da língua, história e cultura portuguesas; - O reconhecimento de que a língua portuguesa é um instrumento vivo de transmissão e criação da cultura nacional, de abertura a outras culturas e de realização pessoal. - Assegurar a aprendizagem de uma primeira língua estrangeira e proporcionar a iniciação ao estudo de uma segunda. - Garantir a aquisição e estruturação de conhecimentos básicos sobre a natureza, a sociedade e a cultura e desenvolver a interpretação e a análise crítica dos fenómenos naturais, sociais e culturais. - Fomentar o conhecimento dos elementos essenciais da expressão visual e musical e as regras da sua organização. - Contribuir para o desenvolvimento da sensibilidade estética.

	<ul style="list-style-type: none"> - Possibilitar: o desenvolvimento de capacidades próprias para a execução de actos motores exigidos no quotidiano, nos tempos livres e no trabalho; a organização dos gestos segundo o estilo mais conveniente a cada personalidade. - Fomentar o desenvolvimento de aptidões técnicas e manuais na solução de problemas práticos e/ou na produção de obras úteis/estéticas. - Estimular a iniciação ao conhecimento tecnológico e de ambientes próprios do mundo do trabalho. - Incentivar a aquisição de competências para seleccionar, interpretar e organizar a informação que lhe é fornecida ou de que necessita. - Favorecer o reconhecimento do valor das conquistas técnicas e científicas do Homem. - Promover a informação e orientação escolar e profissional, em colaboração com as famílias.
Cidadania	<ul style="list-style-type: none"> - Estimular a criação de atitudes e hábitos positivos de relação que favoreçam a maturidade sócio-afectiva e cívica, quer no plano dos seus vínculos de família, quer no da intervenção consciente e responsável na realidade circundante. - Promover o desenvolvimento de atitudes e hábitos de trabalho autónomo e em grupo que favoreçam: a realização de iniciativas individuais ou colectivas de interesse cívico ou social; a análise e a participação na discussão de problemas de interesse geral. - Assegurar, em colaboração com as entidades adequadas e designadamente as famílias, a criação de condições próprias: ao conhecimento e aquisição progressiva das regras básicas de higiene pessoal e colectiva; a uma informação correcta e ao desenvolvimento de valores e atitudes positivas em relação à sexualidade. - Estimular a prática de uma nova aprendizagem das inter-relações do indivíduo com o ambiente, geradora de uma responsabilização individual e colectiva na solução dos problemas ambientais existentes e na prevenção de outros. - Criar as condições que permitam a assunção esclarecida e responsável dos papéis de consumidor e/ou de produtor. - Garantir a informação adequada à compreensão do significado e das implicações do nosso relacionamento com outros espaços socioculturais e económicos e suscitar uma atitude responsável, solidária e participativa. - Fomentar a existência de uma consciência nacional aberta à realidade concreta numa perspectiva de humanismo universalista, de solidariedade e de compreensão internacionais.

Com base no que até aqui expusemos podemos afirmar que as preocupações com o Estudo do Meio estão bem presentes nas orientações normativo legais, curriculares e programáticas, nas quais para o Ensino Básico e, em particular para

1º Ciclo. No entanto no documento curricular e programático essas orientações são mais apresentadas de modo mais direccionado pelo que importa tê-las em conta.

Assim, em relação às competências específicas para esta área disciplinar no Currículo Nacional, que se apresentam divididas em três blocos: a localização no espaço e no tempo, o conhecimento do ambiente natural e social, o dinamismo das inter-relações entre o natural e social.

Quadro V – Competências específicas Estudo do Meio
Currículo Nacional Ensino Básico, 2001, 81-84

A LOCALIZAÇÃO NO ESPAÇO E NO TEMPO
Reconhecimento e identificação de elementos espaço-temporais que se referem a acontecimentos, factos, marcas da história pessoal e familiar, da história local e nacional;
Reconhecimento e utilização dos elementos que permitem situar-se no lugar onde se vive, nomeadamente através da leitura de mapas, utilizando a legenda, para comparar a localização, configuração, dimensão e limites de diferentes espaços na superfície terrestre (Portugal, Europa, Mundo);
Reconhecimento e utilização no quotidiano de unidades de referência temporal;
Utilização de plantas e elaboração de maquetes (escola, casa, bairro, localidade), com identificação dos espaços e das respectivas funções;
Localização relativa dos elementos naturais e humanos da paisagem, utilizando a posição do observador como elemento de referência, bem como os rumos da rosa-dos-ventos (N.S.E.);
Utilização de alguns processos de orientação como forma de se localizar e deslocar na terra.
O CONHECIMENTO DO AMBIENTE NATURAL E SOCIAL
Utilização de vestígios de outras épocas como fontes de informação para reconstituir o passado, compreendê-lo e organizar o presente;
Reconhecimento de aglomerados populacionais (aldeias, vilas e cidades) e identificação das cidades do seu distrito em diferentes documentos cartográficos (fotografias, plantas, mapas e fotografias aéreas);
Reconhecimento de representações diversas da Terra, utilizando imagens de satélite, fotografias aéreas, globos e mapas;
Compreensão das razões da existência de dia e noite e da sua relação com o movimento de rotação da Terra;
Caracterização das estações do ano, utilizando diversos indicadores resultantes da observação directa e indirecta;

Reconhecimento da existência de diferentes astros e de que a Terra faz parte do Sistema Solar;
Análise de evidências na explicação científica da forma da Terra e das fases da Lua;
Observação directa dos aspectos naturais e humanos do meio e realização de actividades práticas e trabalho de campo no meio envolvente à escola;
Reconhecimento de semelhanças e diferenças entre lugares tendo em conta as diversas formas de ocupação e uso da superfície terrestre;
Reconhecimento da existência de semelhanças e diferenças entre seres vivos, entre rochas e entre solos e da necessidade da sua classificação;
Explicação de alguns fenómenos com base nas propriedades dos materiais;
Reconhecimento da importância da ciência e da tecnologia na observação de fenómenos.

O DINAMISMO DAS INTER-RELAÇÕES ENTRE O NATURAL E O SOCIAL

Resolução de situações que envolvam deslocações, localizações e distâncias em espaços familiares e, por associação e comparação, situar-se relativamente a espaços mais longínquos;
Compreensão do modo como os movimentos de pessoas, bens, serviços e ideias entre diferentes territórios têm implicações importantes para as áreas de partida e de chegada;
Reconhecimento da utilização dos recursos nas diversas actividades humanas e como os desequilíbrios podem levar ao seu esgotamento, à extinção das espécies e à destruição do ambiente;
Participação na discussão sobre a importância de procurar soluções individuais e colectivas visando a qualidade de vida;
Compreensão dos modos de actuação humana face às características físicas do território;
Reconhecimento das actividades humanas - primárias, secundárias e terciárias - como fontes de recursos para a satisfação das necessidades básicas do ser humano e para a melhoria da sua qualidade de vida, recorrendo à observação directa e indirecta de vários tipos de actividades económicas;
Conhecimento da existência de objectos tecnológicos, relacionando-os com a sua utilização em casa e em actividades económicas;
Reconhecimento da importância da evolução tecnológica e implicações da sua utilização na evolução da sociedade;
Realização de actividades experimentais simples para identificação de algumas propriedades dos materiais, relacionando-os com as suas aplicações;
Realização de registos e de medições simples utilizando instrumentos e unidades adequados;
Compreensão da intervenção humana actual em comparação com épocas históricas diferentes;
Observação da multiplicidade de formas, características e transformações que ocorrem nos seres vivos e nos materiais;
Identificação de relações entre as características físicas e químicas do meio e as características e comportamentos dos seres vivos;
Identificação dos processos vitais comuns a seres vivos dependentes do funcionamento de sistemas orgânicos;
Conhecimento das modificações que se vão operando com o crescimento e envelhecimento, relacionando-as com os principais estádios do ciclo de vida humana;
Reconhecimento de que a sobrevivência e o bem-estar humano dependem de hábitos individuais de alimentação equilibrada, de higiene, de actividade física e de regras de segurança e de prevenção.

A tutela determinou que os alunos vão adquirindo as competências enunciadas até aqui ao longo do todo o 1º Ciclo, não prevendo compartimentos estanques. Assim, definiu um núcleo de competências que constituem condições de transição para o ciclo seguinte, são elas:

Quadro VI – Competências de final de 1º Ciclo de Estudo do Meio
Organização Curricular e Programas, 1º Ciclo, 2004, 84.

- Reconhece e valoriza as características do seu grupo de pertença (normas de convivência, relações entre membros, costumes, valores, língua, credo, religião ...) e respeitar e valorizar outros povos e outras culturas, repudiando qualquer tipo de discriminação
- Participa em actividades de grupo, adoptando um comportamento construtivo, responsável e solidário, valorizar os contributos de cada um em função de objectivos comuns e respeitar os princípios básicos do funcionamento democrático
- Exprime, fundamenta e discute ideias pessoais sobre fenómenos e problemas do meio físico e social com vista a uma aprendizagem cooperativa e solidária
- Utiliza formas variadas de comunicação escrita, oral e gráfica e aplicar técnicas elementares de pesquisa, organização e tratamento de dados
- Participa em actividades lúdicas de investigação e descoberta e utilizar processos científicos na realização de actividades experimentais
- Identifica os principais elementos do meio físico e natural, analisar e compreender as suas características mais relevantes e o modo como se organizam e interagem, tendo em vista a evolução das ideias pessoais na compreensão do meio envolvente
- Reconhece as mudanças e transformações no homem e na sociedade e através desse conhecimento interpretar e compreender diferentes momentos históricos
- Analisa criticamente algumas manifestações de intervenção humana no meio e adoptar um comportamento de defesa e conservação do património cultural próximo e de recuperação do equilíbrio ecológico
- Preserva a saúde e segurança do seu corpo de acordo com o conhecimento que tem das suas potencialidades e limitações e respeitar e aceitar as diferenças individuais (idade, sexo, raça, cor, personalidade...)
- Concebe e constrói instrumentos simples, utilizando o conhecimento das propriedades elementares de alguns materiais, substâncias e objectos
- Identifica alguns objectos e recursos tecnológicos, reconhecer a sua importância na satisfação de determinadas necessidades humanas e adoptar uma postura favorável ao seu desenvolvimento

1.2. Orientações específicas para ensino do Estudo do Meio

Para melhor compreendermos o lugar, do Estudo do Meio do 1º Ciclo do Ensino Básico apresentaremos a matriz curricular para este ciclo, na qual se contempla as Áreas curriculares disciplinares *Língua Portuguesa, Matemática, Estudo do Meio*, e Áreas curriculares não disciplinares *Expressões (Artísticas; Físico-Motoras), Formação Cívica, Área de Projecto e Estudo Acompanhado*. Além destas áreas, existe uma outra de frequência facultativa que é *Educação Moral e Religiosa*.

Também se contemplam as Actividades de Enriquecimento Curricular, a partir do final das actividades lectivas.

A carga horária total é de vinte e cinco horas semanais ocupando a área de Estudo do Meio de cinco horas, deste total metade de ensino experimental das Ciências.

Quadro VII – Matriz Curricular do 1º Ciclo do Ensino Básico

COMPONENTES DO CURRÍCULO	
<i>Educação para a cidadania</i>	Áreas curriculares disciplinares de frequência obrigatória: Língua Portuguesa; Matemática; Estudo do Meio ; Expressões: Artísticas; Físico-Motoras.
	Formação Pessoal e Social
	Áreas curriculares não disciplinares (a): Área de projecto; Estudo Acompanhado; Formação cívica.
	Áreas curriculares disciplinares de frequência facultativa (b): Educação Moral e Religiosa (b).
	Actividades de enriquecimento (c)

Adaptado do anexo do Decreto-Lei n.º 6/2001 de 18 de Janeiro

Atendemos de seguida aos princípios orientadores presentes no documento Organização Curricular e Programas, os quais transcrevemos no quadro VII

Quadro VIII – Princípios programáticos para a área de Estudo do Meio,
Organização Curricular e Programas, 1º Ciclo, 2004, 101-102

- Todas as crianças possuem um conjunto de experiências e saberes que foram acumulando ao longo da sua vida, no contacto com o meio que as rodeia.
- Cabe à escola valorizar, reforçar, ampliar e iniciar a sistematização dessas experiências e saberes, de modo a permitir, aos alunos, a realização de aprendizagens posteriores mais complexas.
- O meio local, espaço vivido, deverá ser o objecto privilegiado de uma primeira aprendizagem metódica e sistemática da criança já que, nestas idades, o pensamento está voltado para a aprendizagem concreta.
- No entanto, há que ter em conta que as crianças têm acesso a outros espaços que, podendo estar geograficamente distantes, lhes chegam, por exemplo, através dos meios de comunicação social. O interesse das crianças torna estes espaços afectivamente próximos, mas a compreensão de realidades que elas não conhecem directamente, só será possível a partir das referências que o conhecimento do meio próximo lhes fornece.
- As crianças deste nível etário apercebem-se da realidade como um todo globalizado. Por esta razão, o Estudo do Meio é apresentado como uma área para a qual concorrem conceitos e métodos de várias disciplinas científicas como a História, a Geografia, as Ciências da Natureza, a Etnografia, entre outras, procurando-se, assim, contribuir para a compreensão progressiva das inter-relações entre a Natureza e a Sociedade.
- Por outro lado, o Estudo do Meio está na intersecção de todas as outras áreas do programa, podendo ser motivo e motor para a aprendizagem nessas áreas.
- O programa de Estudo do Meio apresenta-se organizado em blocos de conteúdos antecedidos de um texto introdutório onde é definida a sua natureza e são dadas algumas indicações de carácter metodológico.
- A ordem pela qual os blocos e os conteúdos são apresentados obedece a uma lógica, mas não significa que eles sejam abordados, com essa sequência, na sala de aula.
- Assim, procurou-se que a estrutura do programa fosse aberta e flexível. Os professores deverão recriar o programa, de modo a atender aos diversificados pontos de partida e ritmos de aprendizagem dos alunos, aos seus interesses e necessidades e às características do meio local. Deste modo, podem alterar a ordem dos conteúdos, associá-los a diferentes formas, variar o seu grau de aprofundamento ou mesmo acrescentar outros.
- Para atingir o domínio dos conceitos não é necessário que todos os alunos tenham de percorrer os mesmos caminhos. No entanto, pretende-se que todos se vão tornando observadores activos com capacidade para descobrir, investigar, experimentar e aprender. Com o Estudo do Meio os alunos irão aprofundar o seu conhecimento da Natureza e da Sociedade, cabendo aos professores proporcionar-lhes os instrumentos e as técnicas necessárias para que eles possam construir o seu próprio saber de forma sistematizada.
- Assim, será através de situações diversificadas de aprendizagem que incluam o contacto directo com o meio envolvente, da realização de pequenas investigações e experiências reais na escola e na comunidade, bem como através do aproveitamento da informação vinda de meios mais longínquos, que os alunos irão apreendendo e integrando, progressivamente, o significado dos conceitos.

-É ainda no confronto com os problemas concretos da sua comunidade e com a pluralidade das opiniões nela existentes que os alunos vão adquirindo a noção da responsabilidade perante o ambiente, a sociedade e a cultura em que se inserem, compreendendo, gradualmente, o seu papel de agentes dinâmicos nas transformações da realidade que os cerca.

-Ao professor cabe a orientação de todo este processo, constituindo, também, ele próprio, mais uma fonte de informação em conjunto com os outros recursos da comunidade, os livros, os meios de comunicação social e toda uma série de materiais e documentação indispensáveis na sala.

-Os alunos serão ajudados a aprender a organizar a informação e a estruturá-la de forma que ela se constitua em conhecimento, facilitando o professor, de seguida, a sua comunicação e partilha.

Finalmente, sistematizaremos os blocos de conteúdos que no documento referente às Orientações Programáticas serão abordados de acordo com a complexidade cada ano. São eles: À descoberta de si mesmo, À descoberta dos outros e das instituições, À descoberta do ambiente natural, À descoberta das inter-relações entre espaços, À descoberta dos materiais e objectos, À descoberta das inter-relações entre a natureza e a sociedade.

Com o Bloco 1 – À descoberta de si mesmo, que os alunos estruturarem o conhecimento de si próprios, desenvolvendo, ao mesmo tempo, atitudes de auto-estima e autoconfiança e de valorização da sua identidade e das suas raízes. O estudo da história pessoal será um bom ponto de partida para que os alunos vão estruturando a noção de tempo. Para isso deve iniciar-se a localização de acontecimentos da vida das crianças numa linha de tempo, que terá a mesma função dos mapas para as localizações no espaço. As crianças desta faixa etária fantasiam muitas vezes sobre situações reais. Estas fantasias, fruto da sua imaginação, são importantes para o desenvolvimento equilibrado do ser humano, pelo que devem ser respeitadas e estimuladas. É importante, ainda, realçar o cuidado e o bom senso que deverá existir no tratamento de todos os aspectos que, de algum modo, se relacionem com a vida privada dos alunos.

Estes pressupostos traduzem-se na especificação de conteúdos ao longo dos diversos anos de escolaridade, como se pode verificar de seguida.

1. A SUA IDENTIFICAÇÃO • Conhecer:

- nome(s), próprio(s), nome de família/apelido(s);
- sexo, idade;
- endereço.

2. OS SEUS GOSTOS E PREFERÊNCIAS

- Seleccionar jogos e brincadeiras, músicas, frutos, cores, animais...
- Descrever lugares, actividades e momentos passados com amigos, com familiares, nos seus tempos livres...

3. O SEU CORPO

- Identificar características familiares (parecenças com o pai e com a mãe, cor do cabelo, dos olhos...).
- Reconhecer modificações do seu corpo (peso, altura...).
- Reconhecer a sua identidade sexual.
- Reconhecer partes constituintes do seu corpo (cabeça, tronco e membros).
- Representar o seu corpo (desenhos, pinturas, modelagem...).
- Comparar-se com os outros:
 - com os colegas da escola (mais novo/mais velho, mais alto/mais baixo, louro/moreno...);
 - com os pais e irmãos.

4. A SAÚDE DO SEU CORPO

- Reconhecer e aplicar normas de higiene do corpo (lavar as mãos antes de comer, lavar os dentes...).
- Conhecer normas de higiene alimentar (importância de uma alimentação variada, lavar bem os alimentos que se consomem crus, desvantagem do consumo excessivo de doces, refrigerantes...).
- Reconhecer a importância de posturas correctas do exercício físico e do repouso para a saúde (estar bem sentado, brincar ao ar livre, deitar cedo...).
- Conhecer e aplicar normas de vigilância da sua saúde (idas periódicas ao médico, boletim individual de saúde).

5. A SEGURANÇA DO SEU CORPO

- Conhecer e aplicar normas de prevenção rodoviária (caminhar pela esquerda nas estradas, atravessar nas passadeiras, respeitar os semáforos...).
- Conhecer e aplicar normas de prevenção de acidentes domésticos:
 - cuidados a ter com objectos e produtos perigosos (cortantes, contudentes, inflamáveis, corrosivos, tóxicos...);
 - cuidados a ter com a electricidade;
 - sinalização relativa à segurança (venenos, electricidade...).

6. O SEU PASSADO PRÓXIMO

- Descrever a sucessão de actos praticados ao longo do dia, da semana...:
 - localizar no espaço;
 - localizar numa linha de tempo;
 - estabelecer relações de anterioridade, posteridade e simultaneidade (antes de, depois de, ao mesmo tempo que);
 - reconhecer unidades de tempo: dia e semana;
 - nomear os dias da semana.

7. AS SUAS PERSPECTIVAS PARA O FUTURO PRÓXIMO

- O que irá fazer amanhã, no fim-de-semana, nas férias que estão próximas...:
 - exprimir aspirações;
 - enunciar projectos

2.º ANO

1. O PASSADO MAIS LONGÍNQUO DA CRIANÇA

- Reconhecer datas e factos (data de nascimento, quando começou a andar e a falar...):
 - localizar, numa linha de tempo, datas e factos significativos;
 - reconhecer unidades de tempo: o mês e o ano;
 - identificar o ano comum e o ano bissexto.
- Localizar, em mapas, o local do nascimento, locais onde tenha vivido anteriormente ou tenha passado férias...

2. AS SUAS PERSPECTIVAS PARA UM FUTURO MAIS LONGÍNQUO

- O que irá fazer nas férias grandes, no ano que vem:

- exprimir aspirações;
- enunciar projectos.

3. O SEU CORPO

- Os órgãos dos sentidos:
 - localizar, no corpo, os órgãos dos sentidos;
 - distinguir objectos pelo cheiro, sabor, textura, forma...;
 - distinguir sons, cheiros e cores do ambiente que o cerca (vozes, ruídos de máquinas, cores e cheiros de flores...).
- Reconhecer modificações do seu corpo (queda dos dentes de leite e nascimento da dentição definitiva...).

4. A SAÚDE DO SEU CORPO

- Conhecer e aplicar normas de:
 - higiene do corpo (hábitos de higiene diária);
 - higiene alimentar (identificação dos alimentos indispensáveis a uma vida saudável, importância da água potável, verificação do prazo de validade dos alimentos...);
 - higiene do vestuário;
 - higiene dos espaços de uso colectivo (habitação, escola, ruas...).
- Identificar alguns cuidados a ter com a visão e a audição (não ler às escuras, ver televisão a uma distância correcta, evitar sons de intensidade muito elevada...).
- Reconhecer a importância da vacinação para a saúde.

5. A SEGURANÇA DO SEU CORPO

- Conhecer e aplicar normas de prevenção rodoviária (sinais de trânsito úteis para o dia-a-dia da criança: sinais de peões, pistas de bicicletas, passagens de nível...).
- Identificar alguns cuidados na utilização:
 - dos transportes públicos;
 - de passagens de nível.
- Conhecer e aplicar regras de segurança na praia, nos rios, nas piscinas.

3.º ANO

1. A SUA NATURALIDADE E NACIONALIDADE

- Distinguir freguesia/concelho/distrito/país.

2. O SEU CORPO

- Identificar fenómenos relacionados com algumas das funções vitais:
 - digestão (sensação de fome, enfartamento...);
 - circulação (pulsação, hemorragias...);
 - respiração (movimentos respiratórios, falta de ar...).
- Conhecer as funções vitais (digestiva, respiratória, circulatória, excretora, reprodutora/sexual).
- Conhecer alguns órgãos dos aparelhos correspondentes (boca, estômago, intestinos, coração, pulmões, rins, genitais):
 - localizar esses órgãos em representações do corpo humano.
- Reconhecer situações agradáveis e desagradáveis e diferentes possibilidades de reacção (calor, frio, fome, conforto, dor...).
- Reconhecer estados psíquicos e respectivas reacções físicas (alegria/riso, tristeza/choro, medo/tensão...).
- Reconhecer alguns sentimentos (amor, amizade...) e suas manifestações (carinho, ternura, zanga...).

3. A SAÚDE DO SEU CORPO

- Reconhecer a importância do ar puro e do sol para a saúde.
- Identificar perigos do consumo de álcool, tabaco e outras drogas.

4. A SEGURANÇA DO SEU CORPO

- Conhecer algumas regras de primeiros socorros:
 - mordeduras de animais;
 - hemorragias.

4.º ANO

1. O SEU CORPO

- Os ossos:
 - reconhecer a existência dos ossos;

- reconhecer a sua função (suporte e protecção);
- observar em representações do corpo humano.
- Os músculos:
 - reconhecer a existência dos músculos;
 - reconhecer a sua função (movimentos, suporte...);
 - observar em representações dos músculos humanos.
- A pele:
 - identificar a função de protecção da pele.

2. A SEGURANÇA DO SEU CORPO

- Identificar alguns cuidados a ter com a exposição ao sol.
- Conhecer algumas regras de primeiros socorros:
 - conhecer algumas medidas elementares a ter em conta em casos de queimaduras solares, fracturas e distensões.
 - Conhecer e aplicar regras de prevenção de incêndios (nas habitações, locais públicos, florestas...).
 - Conhecer regras de segurança anti-sísmicas (prevenção e comportamentos a ter durante e depois de um sismo).

No Bloco 2 – À descoberta dos outros e das instituições, pressupõe-se *que* o âmbito de estudo da criança vai alargar-se aos outros, primeiramente aos que lhe estão mais próximos e depois, progressivamente, aos mais distantes no tempo e no espaço. Assim, os alunos iniciar-se-ão no modo de funcionamento e nas regras dos grupos sociais, ao mesmo tempo que deverão desenvolver atitudes e valores relacionados com a responsabilidade, tolerância, solidariedade, cooperação, respeito pelas diferenças, comportamento não sexista, etc.

Neste bloco pressupõe-se que a escola, é o lugar privilegiado para a vivência e aprendizagem do modo de viver em sociedade. É através da participação, directa e gradual, na organização da vida da classe e da escola que eles irão interiorizando os valores democráticos e de cidadania.

Por outro lado, embora as noções relativas ao tempo atravessem todo o programa, é fundamentalmente que, neste bloco que se agrupam os conteúdos referentes ao tempo histórico, partindo da história da família da criança para se alargar à história do meio local e às suas ligações com a história nacional. De salientar que os factos da sua história familiar deverão ser assinalados em linhas de tempo (construídas pelos alunos e pelo professor). No que se refere à história local e nacional, os registos serão efectuados num friso cronológico da História de Portugal.

Também é importante que os alunos reconheçam que os vestígios de outras épocas (sejam eles monumentos, fotografias, documentos escritos, tradições, etc.) constituem fontes de informação que eles podem utilizar, de uma forma elementar, na reconstituição do passado. Pretende-se, assim, contribuir para o desenvolvimento de atitudes de respeito pelo património histórico, sua conservação e valorização.

1.º ANO **Quadro X** – Programa de Estudo do Meio do 1º Ciclo do Ensino Básico

- 1. OS MEMBROS DA SUA FAMÍLIA**
- Conhecer os nomes próprios, apelidos, sexo, idade.
 - Estabelecer relações de parentesco (pai, mãe, irmãos, avós).
 - Representar a sua família (pinturas, desenhos...).
- 2. OUTRAS PESSOAS COM QUEM MANTÉM RELAÇÕES PRÓXIMAS**
- Conhecer os nomes, idades, sexo de:
 - amigos da escola e de fora da escola;
 - vizinhos;
 - o(a) professor(a);
 - outros elementos da escola.
- 3. A SUA ESCOLA**
- A sua classe:
 - conhecer o número de alunos, horários, regras de funcionamento, funções dos vários elementos da classe;
 - participar na organização do trabalho da sala (planificação, avaliação...);
 - participar na arrumação, arranjo e conservação da sala, do mobiliário e dos materiais;
 - participar na dinâmica do trabalho em grupo e nas responsabilidades da turma.
 - O funcionamento da sua escola:
 - participar na elaboração de regras;
 - conhecer direitos e deveres dos alunos, professores e pessoal auxiliar.

2.º ANO

- 1. O PASSADO PRÓXIMO FAMILIAR**
- Reconhecer datas e factos (aniversários, festas...):
 - localizar, numa linha de tempo, datas e factos significativos.
 - Localizar, em mapas ou plantas: local de nascimento, habitação, trabalho, férias...
- 2. A VIDA EM SOCIEDADE**
- Conhecer e aplicar algumas regras de convivência social.
 - Respeitar os interesses individuais e colectivos.
 - Conhecer e aplicar formas de harmonização de conflitos: diálogo, consenso, votação.
- 3. MODOS DE VIDA E FUNÇÕES DE ALGUNS MEMBROS DA COMUNIDADE**
(merceeiro, médico, agricultor, sapateiro, operário, carteiro...)
- Contactar e descrever em termos de: idade; sexo; o que fazem; onde trabalham; como trabalham...
- 4. INSTITUIÇÕES E SERVIÇOS EXISTENTES NA COMUNIDADE**
- Contactar e recolher dados sobre colectividades, serviços de saúde, correios, bancos, organizações religiosas, autarquias...

3.º ANO

- 1. OS MEMBROS DA SUA FAMÍLIA**
- Estabelecer relações de parentesco (tios, primos, sobrinhos...):
 - construir uma árvore genealógica simples (até à 3.ª geração — avós).
- 2. O PASSADO FAMILIAR MAIS LONGÍNQUO**
- Reconhecer datas e factos significativos da história da família:
 - localizar numa linha de tempo.
 - Reconhecer locais importantes para a história da família:

<p>— localizar esses locais em mapas ou plantas.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer unidades de tempo: a década. <p>3. O PASSADO DO MEIO LOCAL</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificar figuras da história local presentes na toponímia, estatuária, tradição oral... • Conhecer factos e datas importantes para a história local (origem da povoação, concessão de forais, batalhas, lendas históricas...). • Conhecer vestígios do passado local: construções (habitações, castelos, moinhos, antigas fábricas, igrejas, monumentos pré-históricos, pontes, solares, pelourinhos...); alfaias e instrumentos antigos e actividades a que estavam ligados; costumes e tradições locais (festas, jogos tradicionais, medicina popular, trajes, gastronomia...) e feriado municipal (acontecimento a que está ligado). • Reconhecer a importância do património histórico local. <p>4. CONHECER COSTUMES E TRADIÇÕES DE OUTROS POVOS</p> <p>5. RECONHECER SÍMBOLOS LOCAIS (BANDEIRAS E BRASÕES)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Da freguesia. • Do concelho. • Do distrito. <p>6. CONHECER SÍMBOLOS REGIONAIS (BANDEIRAS E HINOS REGIONAIS)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Dos Açores. • Da Madeira. <p>7. OUTRAS CULTURAS DA SUA COMUNIDADE</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer aspectos da cultura das minorias que eventualmente habitem na localidade ou bairro (costumes, língua, gastronomia, música...).

4.º ANO

<p>1. O PASSADO DO MEIO LOCAL</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pesquisar sobre o passado de uma instituição local (escola, autarquia, instituições religiosas, associações...): recorrer a fontes orais e documentais para a reconstituição do passado da instituição. <p>2. O PASSADO NACIONAL</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer personagens e factos da história nacional com relevância para o meio local (batalha ocorrida em local próximo, reis que concederam forais a localidades da região...). • Conhecer os factos históricos que se relacionam com os feriados nacionais e seu significado. • Recolher dados sobre aspectos da vida quotidiana de tempo em que ocorreram esses factos. • Localizar os factos e as datas estudados no friso cronológico da História de Portugal. • Conhecer unidades de tempo: o século. <p>3. RECONHECER SÍMBOLOS NACIONAIS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Bandeira nacional. • Hino nacional.

No Bloco 3 – À descoberta do ambiente natural, compreendem-se os conteúdos relacionados com os elementos básicos do meio físico (o ar, a água, as rochas, o solo), os seres vivos que nele vivem, o clima, o relevo e os astros.

A curiosidade infantil pelos fenómenos naturais deve ser estimulada e os alunos encorajados a levantar questões e a procurar respostas para eles através de experiências e pesquisas simples.

Os estudos a realizar terão por base a observação directa, utilizando todos os sentidos, a recolha de amostras, sem prejudicar o ambiente, assim como a experimentação.

Os alunos deverão utilizar, em situações concretas, instrumentos de observação e medida como, por exemplo, o termómetro, a bússola, a lupa, os binóculos... e é importante que, desde o início, façam registos daquilo que observam.

O professor deve fomentar nos alunos atitudes de respeito pela vida e pela Natureza, assim como sensibilizá-los para os aspectos estéticos do ambiente.

1.º ANO **Quadro XI**- Programa de Estudo do Meio do 1º Ciclo do Ensino Básico

1. OS SERES VIVOS DO SEU AMBIENTE

- Criar animais e cultivar plantas na sala de aula ou no recinto da escola.
- Reconhecer alguns cuidados a ter com as plantas e os animais.
- Reconhecer manifestações da vida vegetal e animal (observar plantas e animais em diferentes fases da sua vida).

2. OS ASPECTOS FÍSICOS DO MEIO LOCAL

- O tempo que faz (registar, de forma elementar e simbólica, as condições atmosféricas diárias).
- A noite e o dia (comparar a duração do dia e da noite ao longo do ano...).
- Reconhecer diferentes formas sob as quais a água se encontra na natureza (rios, ribeiros, poços...).

3. IDENTIFICAR CORES, SONS E CHEIROS DA NATUREZA

(das plantas, do solo, do mar, dos cursos de água, dos animais, do vento...)

2.º ANO

1. OS SERES VIVOS DO SEU AMBIENTE

- Observar e identificar algumas plantas mais comuns existentes no ambiente próximo:
 - plantas espontâneas;
 - plantas cultivadas;
 - reconhecer diferentes ambientes onde vivem as plantas;
 - conhecer partes constitutivas das plantas mais comuns (raiz, caule, folhas, flores e frutos);
 - registar variações do aspecto, ao longo do ano, de um arbusto ou de uma árvore.
- Observar e identificar alguns animais mais comuns existentes no ambiente próximo:
 - animais selvagens;
 - animais domésticos;
 - reconhecer diferentes ambientes onde vivem os animais (terra, água, ar);
 - reconhecer características externas de alguns animais (corpo coberto de penas, pêlos, escamas, bico, garras...);
 - recolher dados sobre o modo de vida desses animais (o que comem, como se reproduzem, como se deslocam...).

2. OS ASPECTOS FÍSICOS DO MEIO LOCAL

- O tempo que faz (registar as condições atmosféricas diárias).
- Reconhecer alguns estados do tempo (chuvoso, quente, frio, ventoso...).
- Relacionar as estações do ano com os estados do tempo característicos.
- Reconhecer a existência do ar (realizar experiências).
- Reconhecer o ar em movimento (vento, correntes de ar...).

3. CONHECER ASPECTOS FÍSICOS E SERES VIVOS DE OUTRAS REGIÕES OU PAÍSES

3.º ANO

1. OS SERES VIVOS DO AMBIENTE PRÓXIMO

- Comparar e classificar plantas segundo alguns critérios, tais como: cor da flor, forma da folha,

folha caduca ou persistente, forma da raiz, plantas comestíveis e não comestíveis... (constituição de um herbário).

- Realizar experiências e observar formas de reprodução das plantas (germinação das sementes, reprodução por estaca...).
- Reconhecer a utilidade das plantas (alimentação, mobiliário, fibras vegetais...).
- Comparar e classificar animais segundo as suas características externas e modo de vida.
- Identificar alguns factores do ambiente que condicionam a vida das plantas e dos animais (água, ar, luz, temperatura, solo) — realizar experiências.
- Construir cadeias alimentares simples.

2. ASPECTOS FÍSICOS DO MEIO LOCAL

- Recolher amostras de diferentes tipos de solo: identificar algumas das suas características (cor, textura, cheiro, permeabilidade); procurar o que se encontra no solo (animais, pedras, restos de seres vivos).

- Recolher amostras de rochas existentes no ambiente próximo: identificar algumas das suas características (cor, textura, dureza...); reconhecer a utilidade de algumas rochas.

- Distinguir formas de relevo existentes na região (elevações, vales, planícies...): observar directamente e indirectamente (fotografias, ilustrações...); localizar em mapas.

- Distinguir meios aquáticos existentes na região (cursos de água, oceano, lagoas...): localizar em mapas; reconhecer nascente, foz, margem direita e esquerda, afluentes.

3. OS ASTROS

- Reconhecer o Sol como fonte de luz e calor.
- Verificar as posições do Sol ao longo do dia (nascente/sul/poente).
- Conhecer os pontos cardeais.
- Distinguir estrelas de planetas (Sol — estrela; Lua — planeta).

4.º ANO

1. ASPECTOS FÍSICOS DO MEIO

- Reconhecer e observar fenómenos: de condensação (nuvens, nevoeiro, orvalho); de solidificação (neve, granizo, geada) e de precipitação (chuva, neve, granizo).

- Realizar experiências que representem fenómenos de - evaporação; condensação; solidificação; e precipitação.
- Compreender que a água das chuvas se infiltra no solo dando origem a lençóis de água.
- Reconhecer nascentes e cursos de água.

2. OS ASTROS

- Constatar a forma da Terra através de fotografias, ilustrações...
- Observar e representar os aspectos da Lua nas diversas fases.
- Observar num modelo o sistema solar.

3. ASPECTOS FÍSICOS DE PORTUGAL

- Identificar os maiores rios (Tejo, Douro, Guadiana, Mondego, Sado): localizar no mapa de Portugal; observar directa ou indirectamente (fotografias, ilustrações...).

- Identificar as maiores elevações (Pico, Serra da Estrela, Pico do Areeiro): localizar no mapa de Portugal; observar directa ou indirectamente (fotografias, ilustrações...).

Em relação ao Bloco 4 — À descoberta das inter-relações entre espaços, refere-se que embora as referências espaciais devam estar presentes ao longo de todo o programa (qualquer facto estudado deve ser sempre localizado no espaço), é fundamentalmente neste bloco que se agrupam os conteúdos relativos ao espaço.

A criança tem uma percepção subjectiva do espaço que foi adquirido ao longo da sua vida através das relações que estabeleceu com os objectos.

É importante sublinhar que as noções de espaço se constroem através da acumulação de experiências práticas em todas as situações que envolvam deslocações, localizações, distâncias...

Desde o início da escolaridade o professor deverá programar actividades que permitam a objectivação e alargamento dessas noções.

O conhecimento dos espaços familiares permitirá à criança, por associação e comparação, compreender outros espaços mais longínquos.

Assim, é importante que os alunos representem os espaços que conhecem ou vão explorando, através de desenhos, plantas, maquetas, traçando itinerários...

Progressivamente deverão tomar contacto com diferentes tipos de plantas e mapas convencionais.

Pretende-se, igualmente, que os alunos tomem consciência de que não existem espaços isolados mas, pelo contrário, se estabelecem ligações e fluxos de vária ordem que vão desde a circulação de pessoas e bens à troca de ideias e informação.

1.º ANO **Quadro XII – Programa de Estudo do Meio para o 1º Ciclo do Ensino Básico**

1. A CASA

- Reconhecer os diferentes espaços da casa (salas, quartos, cozinha...).
- Reconhecer as funções desses espaços.
- Representar a sua casa (desenhos, pinturas...).

2. O ESPAÇO DA SUA ESCOLA

- Reconhecer os diferentes espaços da sua escola (salas de aula, cantina, recreio, outras dependências).
- Reconhecer as funções desses espaços.
- Representar a sua escola (desenhos, pinturas...).

3. OS SEUS ITINERÁRIOS

- Descrever os seus itinerários diários (casa/escola, lojas, tempos livres...).
- Representar os seus itinerários (desenhos, pinturas...).

4. LOCALIZAR ESPAÇOS EM RELAÇÃO A UM PONTO DE REFERÊNCIA

(perto de/longe de; em frente de/atrás de; dentro de/fora de; entre; ao lado de; à esquerda de/à direita de...)

2.º ANO

1. OS SEUS ITINERÁRIOS

- Descrever os seus itinerários diários (casa/escola, lojas...).
- Localizar os pontos de partida e chegada.
- Traçar o itinerário na planta do bairro ou da localidade.

2. OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

- Distinguir diferentes tipos de transportes utilizados na sua comunidade.
- Conhecer outros tipos de transportes.
- Reconhecer tipos de comunicação pessoal (correio, telefone...).
- Reconhecer tipos de comunicação social (jornais, rádio, televisão...).

3.º ANO

1. OS SEUS ITINERÁRIOS

<ul style="list-style-type: none"> • Descrever itinerários não diários (passeios, visitas de estudo, férias...). • Localizar os pontos de partida e de chegada. • Traçar os itinerários em plantas ou mapas. <p>2. LOCALIZAR ESPAÇOS EM RELAÇÃO A UM PONTO DE REFERÊNCIA</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificar processos de orientação (sol, bússola...). • Conhecer os pontos cardeais. <p>3. OS DIFERENTES ESPAÇOS DO SEU BAIRRO OU DA SUA LOCALIDADE (habitação, comércio, lazer...)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer as funções desses espaços. • Representar esses espaços (desenhos, pinturas...). • Localizar esses espaços numa planta do bairro ou da localidade. <p>4. DESLOCAÇÕES DOS SERES VIVOS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer que as pessoas se deslocam (para a escola, para o trabalho, para férias...). • Reconhecer as deslocações dos animais (andorinhas, rolas, cegonhas...): para onde vão, quando partem, quando voltam. <p>5. O COMÉRCIO LOCAL</p> <ul style="list-style-type: none"> • Contactar, observar e descrever diferentes locais de comércio (supermercado, mercearia, sapataria, praça, feira...): o que vendem; onde se abastecem; como se transportam os produtos; como se conservam os produtos alimentares; como se vendem (condições de armazenamento e manuseamento...); reconhecer menções obrigatórias nos produtos (composição, validade, modo de emprego...); reconhecer a importância do recibo e/ou factura. <p>6. MEIOS DE COMUNICAÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Investigar sobre a evolução dos transportes. • Investigar sobre a evolução das comunicações (pessoais e sociais).

4.º ANO

<p>1. O CONTACTO ENTRE A TERRA E O MAR</p> <ul style="list-style-type: none"> • Observar directa ou indirectamente: alguns aspectos da costa (praias, arribas, dunas, cabos...); alguns aspectos da costa portuguesa («Ria» de Aveiro, Cabo Carvoeiro, Cabo da Roca, Estuário do Tejo e do Sado, Ponta de Sagres). • Localizar no mapa de Portugal. • Localizar em mapas ilhas e arquipélagos (Açores e Madeira). • Localizar no planisfério e no globo os continentes e os oceanos. • Reconhecer o Oceano Atlântico como fronteira marítima de Portugal. • Observar a acção do mar sobre a costa. • Observar as marés. • Observar e recolher seres vivos e materiais encontrados na praia. • Identificar a sinalização das costas (faróis, sinais sonoros, bóias de sinalização...). <p>2. OS AGLOMERADOS POPULACIONAIS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer aglomerados populacionais (aldeias, vilas e cidades). • Identificar as cidades do seu distrito: localizar no mapa. • Localizar no mapa a capital do País. • Localizar as capitais de distrito. <p>3. PORTUGAL NA EUROPA E NO MUNDO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Localizar Portugal no mapa da Europa, no planisfério e no globo. • Reconhecer a fronteira terrestre com a Espanha. • Localizar no planisfério e no globo os países lusófonos. • Fazer o levantamento de países onde os alunos tenham familiares emigrados.

No Bloco 5 – À descoberta dos materiais e objectos, apesar da atitude experimental estar sempre presente na abordagem dos conteúdos de outros blocos (conforme é referido), pretende-se fundamentalmente com este bloco desenvolver nos alunos uma atitude de permanente experimentação com tudo o que isso

implica: observação, introdução de modificações, apreciação dos efeitos e resultados, conclusões.

A exploração de materiais de uso corrente deverá assentar essencialmente na observação das suas propriedades e em experiências elementares que as destaquem. A manipulação de objectos e de instrumentos, os cuidados a ter na sua utilização e conservação, assim como a valorização do trabalho manual, são aspectos importantes deste bloco.

Os registos que ocorrem, a propósito das experiências realizadas, deverão ser adequados à idade dos alunos e ter em vista apenas a comunicação das descobertas por eles feitas.

1.º ANO **Quadro XIII**– Programa de Estudo do Meio para o 1º Ciclo do Ensino Básico

<p>1. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM ALGUNS MATERIAIS E OBJECTOS DE USO CORRENTE (sal, açúcar, leite, madeira, barro, cortiça, areia, papel, cera, objectos variados...)</p> <ul style="list-style-type: none">• Comparar alguns materiais segundo propriedades simples (forma, textura, cor, sabor, cheiro...).• Agrupar materiais segundo essas propriedades. <p>2. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM A ÁGUA</p> <ul style="list-style-type: none">• Realizar experiências que conduzem à conservação da capacidade/volume, independentemente da forma do objecto.• Identificar algumas propriedades físicas da água (incolor, inodora, insípida).• Reconhecer materiais que flutuam e não flutuam.• Verificar experimentalmente o efeito da água nas substâncias (molhar, dissolver, tornar moldável...). <p>3. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM O SOM</p> <ul style="list-style-type: none">• Identificar sons do seu ambiente imediato.• Produzir sons (percutindo, soprando, abanando objectos e utilizando instrumentos musicais simples). <p>4. MANUSEAR OBJECTOS EM SITUAÇÕES CONCRETAS (tesoura, martelo, sacho, máquina de escrever, gravador, lupa, agrafador, furador...)</p> <ul style="list-style-type: none">• Conhecer e aplicar alguns cuidados na sua utilização e conservação.

2.º ANO

<p>1. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM ALGUNS MATERIAIS E OBJECTOS DE USO CORRENTE (sal, açúcar, vidro, madeira, barro, areia, cortiça, papel, cera, objectos variados...)</p> <ul style="list-style-type: none">• Comparar materiais segundo algumas das suas propriedades (flexibilidade, resistência, solubilidade, dureza, transparência, combustibilidade...).• Agrupar materiais segundo essas propriedades.• Relacionar essas propriedades com a utilidade dos materiais.• Identificar a sua origem (natural/artificial). <p>2. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM O AR</p> <ul style="list-style-type: none">• Reconhecer a existência do ar (balões, seringas...).• Reconhecer que o ar tem peso (usar balões e bolas com ar e vazios).• Experimentar o comportamento de objectos em presença de ar quente e de ar frio (objectos leves sobre um calorífero, balões de S. João...). <p>3. MANUSEAR OBJECTOS EM SITUAÇÕES CONCRETAS</p>

(tesoura, martelo, sacho, serrote, máquina de escrever, gravador, lupa, agrafador, furador...)

- Reconhecer a sua utilidade.
- Conhecer e aplicar alguns cuidados na sua utilização.

3.º ANO

1. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM A LUZ

- Identificar fontes luminosas.
- Observar a passagem da luz através de objectos transparentes (lentes, prismas, água...).
- Observar a intersecção da luz pelos objectos opacos — sombras.
- Realizar jogos de luz e sombra e sombras chinesas.
- Observar e experimentar a reflexão da luz em superfícies polidas (espelhos...).

2. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM ÍMANES

- Realizar jogos com ímanes.
- Observar o comportamento dos materiais em presença de um íman

(atração ou não atração, repulsão).

- Magnetizar objectos metálicos (pregos, alfinetes...).
- Construir uma bússola.

3. REALIZAR EXPERIÊNCIAS DE MECÂNICA

- Realizar experiências com alavancas, quebra-nozes, tesouras... (forças).
- Realizar experiências e construir balanças, baloiços, mobiles... (equilíbrio).
- Realizar experiências com roldanas e rodas dentadas (transmissão do movimento).
- Realizar experiências com molas e elásticos (elasticidade).
- Realizar experiências com pêndulos (movimentos).

4. MANUSEAR OBJECTOS EM SITUAÇÕES CONCRETAS

(tesoura, martelo, sacho, serrote, máquina fotográfica e de escrever, gravador, retroprojector, projector de diapositivos, lupa, bússola, microscópio...)

- Conhecer e aplicar alguns cuidados na sua utilização e conservação.
- Reconhecer a importância da leitura das instruções e/ou normas de utilização.

4.º ANO

1. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM ALGUNS MATERIAIS E OBJECTOS DE USO CORRENTE

(sal, açúcar, leite, madeira, barro, rochas, cortiça, areia, papel, cera, objectos variados...)

- Classificar os materiais em sólidos, líquidos e gasosos segundo as suas propriedades.
- Observar o comportamento dos materiais face à variação da temperatura

(fusão, solidificação, dilatação...).

- Realizar experiências que envolvam mudanças de estado.

2. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM A ÁGUA

- Realizar experiências que permitam constatar o princípio dos vasos comunicantes

(construir um repuxo).

• Observar os efeitos da temperatura sobre a água (ebulição, evaporação, solidificação, fusão e condensação).

3. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM A ELECTRICIDADE

- Produzir electricidade por fricção entre objectos.
- Realizar experiências simples com pilhas, lâmpadas, fios e outros materiais condutores e não condutores.

- Construir circuitos eléctricos simples (alimentados por pilhas).

4. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM O AR

- Reconhecer, através de experiências, a existência do oxigénio no ar (combustões).
- Reconhecer, através de experiências, a pressão atmosférica (pipetas, conta-gotas, palhinhas de fresco...).

5. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM O SOM

• Realizar experiências, de transmissão do som através dos sólidos, líquidos e gases (construir um telefone de cordel, campainha dentro de um recipiente com água...).

6. MANUSEAR OBJECTOS EM SITUAÇÕES CONCRETAS

(tesoura, martelo, sacho, serrote, máquina fotográfica e de escrever, gravador, retroprojector, projector de diapositivos, lupa, bússola, microscópio...)

- Conhecer e aplicar alguns cuidados na sua utilização e conservação.
- Reconhecer a importância da leitura das instruções e/ou normas de utilização

No Bloco 6 – À descoberta das inter-relações entre a natureza e a sociedade, toda a actividade humana deixa marcas e provoca alterações na Natureza.

Essas alterações podem ser positivas quando o Homem, através da ciência e da técnica, consegue superar, de algum modo, obstáculos e adversidades naturais, ou negativas, quando produz desequilíbrios que podem levar ao esgotamento de recursos, à extinção de espécies, à destruição do ambiente.

Neste sentido, devem promover-se atitudes relacionadas com a conservação e melhoria do ambiente, o uso racional dos recursos naturais, assim como de uma participação esclarecida e activa na resolução de problemas ambientais.

O estudo das actividades económicas, dada a sua complexidade, deve relacionar-se com a realidade próxima dos alunos, partindo sempre da observação directa com recolha de informação através de entrevistas, recolha de imagens, etc.

Assim, os pontos do programa assinalados com asterisco apenas serão abordados quando forem significativos a nível local.

3.º ANO **Quadro XIV**– Programa de Estudo do Meio para o 1º Ciclo do Ensino Básico

1. A AGRICULTURA DO MEIO LOCAL

- Fazer o levantamento dos principais produtos agrícolas da região.
- Reconhecer a agricultura como fonte de matérias-primas (trigo/farinha, tomate/concentrado, uvas/vinho...).
- Identificar alguns factores naturais com influência na agricultura (clima, solo, relevo).
- Fazer o levantamento de algumas técnicas utilizadas pelo homem para superar dificuldades originadas por factores naturais (estufas, rega, socalcos, adubação...).
- Investigar algumas técnicas tradicionais e modernas e instrumentos que lhe estão associados (lavra-arado/tractor, rega/picota, nora/aspersão...).
- Observar o ritmo dos trabalhos agrícolas ao longo do ano (sementeiras, mondas, colheitas...).
- Identificar alguns perigos para o homem e para o ambiente resultantes do uso de produtos químicos na agricultura (cuidados a ter com o uso de pesticidas, herbicidas, adubos químicos...).

2. A CRIAÇÃO DE GADO NO MEIO LOCAL

- Fazer o levantamento das principais espécies animais criadas na região.
- Distinguir entre exploração pecuária familiar e industrial (nº de animais, como vivem e se alimentam, cuidados sanitários...).
- Reconhecer a criação de gado como fonte de alimentos.
- Reconhecer a criação de gado como fonte de matérias-primas (lacticínios, salsicharia, cortumes...).
- Relacionar algumas actividades com a criação de gado (pastorícia, tosquia...).
- Identificar alguns problemas de poluição provocados pela criação de gado.

3. A EXPLORAÇÃO FLORESTAL DO MEIO LOCAL

- Fazer o levantamento das principais espécies florestais da região.
- Identificar alguns produtos derivados da floresta da região.
- Reconhecer a floresta como fonte de matérias-primas (madeira, resina, cortiça...).

- Relacionar algumas actividades com a exploração florestal (serrações, descorticação...).
- Conhecer algumas normas de prevenção de incêndios florestais.

4. A ACTIVIDADE PISCATÓRIA NO MEIO LOCAL

- Fazer o levantamento de locais de pesca da região (mar, rios, lagoas, albufeiras).
- Fazer o levantamento das principais espécies pescadas na região (peixes, crustáceos, bivalves...).
- Reconhecer a pesca como fonte de alimentos.
- Reconhecer a pesca como fonte de matérias-primas (conservas, farinha de peixe...).
- Reconhecer formas de criação de peixes em cativeiro (viveiros de trutas, achigãs...).
- Identificar alguns factores que podem pôr em perigo as espécies aquáticas (poluição, pesca excessiva...).
- Fazer o levantamento de algumas técnicas de pesca (tipo de barcos, de redes...).
- Reconhecer formas de comercialização e conservação do pescado (lotas, redes de frio...).
- Fazer o levantamento de outras actividades ligadas aos meios aquáticos

(extração de sal, apanha de algas).

5. A EXPLORAÇÃO MINERAL DO MEIO LOCAL

- Fazer o levantamento de locais de exploração mineral (mina, pedreiras, areiros...).
- Fazer o levantamento dos principais produtos minerais da região.
- Reconhecer a exploração mineral como fonte de matérias-primas (construção, indústria...).
- Identificar alguns perigos para o homem e para o ambiente decorrentes da exploração mineral (poluição provocada pelas pedreiras, silicose dos mineiros...).

6. A INDÚSTRIA DO MEIO LOCAL

- Fazer o levantamento das indústrias existentes no meio local.
- Identificar algumas matérias-primas usadas nessas indústrias (de onde vêm, como vêm...).
- Identificar fontes de energia utilizadas na sua transformação.
- Identificar a mão-de-obra e observar a maquinaria utilizada.
- Identificar para onde vão e como vão os produtos finais.
- Reconhecer as indústrias como fontes de poluição (atmosférica, aquática, sonora...).

7. O TURISMO NO MEIO LOCAL

- Identificar alguns factores de atracção turística (praias, parques naturais, termas, monumentos...).
- Reconhecer algumas infra-estruturas turísticas da região (hotéis, parques de campismo, restaurantes...).
- Discutir vantagens e desvantagens do turismo para a região.

8. AS CONSTRUÇÕES DO MEIO LOCAL

- Observar edifícios construídos e em diversas fases de construção.
- Identificar materiais utilizados na sua construção.
- Identificar profissões envolvidas na sua construção.
- Reconhecer funções dos edifícios (habitação, comércio, teatro, locais de culto, indústrias...).
- Reconhecer outras construções (pontes, estradas, portos, caminhos-de-ferro, barragens...).
- Reconhecer a importância e a necessidade do saneamento básico e do abastecimento de água.
- Reconhecer a importância e a necessidade dos espaços de lazer (jardins, recintos desportivos, cinemas...).

9. INVESTIGAR SOBRE AS CONSTRUÇÕES DE OUTRAS REGIÕES OU PAÍSES

4.º ANO

1. PRINCIPAIS ACTIVIDADES PRODUTIVAS NACIONAIS

- Reconhecer a agricultura, pecuária, silvicultura, pesca, indústria, comércio e serviços como actividades económicas importantes em Portugal.
- Identificar os principais produtos agrícolas portugueses (vinho, azeite, frutos, cereais, cortiça...).
- Identificar os principais produtos da floresta portuguesa (madeira, resina...).
- Identificar os principais produtos ligados à pecuária (produção de carne, ovos, leite...).
- Identificar os principais produtos da indústria portuguesa (têxteis, calçado, pasta de papel, conservas, derivados de cortiça...).

2. A QUALIDADE DO AMBIENTE

- A qualidade do ambiente próximo: identificar e observar alguns factores que contribuem para

a degradação do meio próximo (lixeiros, indústrias poluentes, destruição do património histórico...); enumerar possíveis soluções; identificar e participar em formas de promoção do ambiente.

- A qualidade do ar: reconhecer os efeitos da poluição atmosférica (efeito de estufa, a rarefacção do ozono, chuvas ácidas...); reconhecer a importância das florestas para a qualidade do ar.

- A qualidade da água: reconhecer algumas formas de poluição dos cursos de água e dos oceanos (esgotos, fluentes industriais, marés negras...).

- Reconhecer algumas formas de poluição sonora (fábricas, automóveis, motos...): identificar alguns efeitos prejudiciais do ruído.

- Identificar alguns desequilíbrios ambientais provocados pela actividade humana: extinção de recursos; extinção de espécies animais e vegetais; reconhecer a importância das reservas e parques naturais para a preservação do equilíbrio entre a Natureza e a Sociedade.

Capítulo II

As orientações curriculares para o Estudo do Meio analisadas à luz da teoria de Gagné

"O objectivo central de qualquer programa de estudos é o de promover a aprendizagem"

Robert Gagné, 1975, 1.

"...o objectivo peculiar de um Programa nacional é construir o sentido de uma comunidade, desenvolvendo um sentido dos valores comuns pela via do desenvolvimento de experiências escolares adequadas e comuns a todos."

Reynolds e Skilbeck, cit. Por Zabalza, 1996, 13.

No capítulo anterior começamos por dar conta do enquadramento normativo-legal, curricular e programático relativo ao 1.º Ciclo do Ensino Básico, particularizando, de seguida, nas orientações nele patente para a área disciplinar de *Estudo do Meio*. Isto com a intenção de, no presente capítulo, procedermos a uma análise pedagógica de tal enquadramento.

Nesse sentido, delimitaremos, de seguida, o referencial teórico que adoptámos, o objecto de estudo e os objectivos que nos guiaram nesse trabalho, explicitaremos os procedimentos que seguimos, os instrumentos que construímos e por fim, apresentaremos as inferências que nos parecerem legítimas tirar.

2.1. Referencial teórico adoptado

As orientações curriculares e programáticas, decorrentes das grandes opções normativo-legais estabelecidas pela tutela, e que dão rumo à educação escolar, nem sempre denotam, de modo explícito, os pressupostos teóricos pedagógicos que as sustentam. Tal não significa que esses pressupostos não existam, pois todas as opções relativas ao ensino e à aprendizagem, seja em que nível de decisão sejam tomadas, são influenciadas por uma teoria ou um grupo de teorias que, num determinado momento, se entende ter capacidade para explicar esses processos e para os desenvolver.

Porém, quando esses pressupostos não são abertamente apresentados, o trabalho de quem analisa as referidas orientações, nomeadamente os professores, assenta, em grande medida, na dedução, com os riscos de incorrer em erro que tal procedimento acarreta. Erro que é ampliado se tivermos em conta que se trata de orientações que nem sempre se encontram redigidas de modo tão sucinto e claro como seria desejável.

Além disso, como vimos no capítulo anterior, são diversos os documentos por onde essas orientações se repartem, os quais nem sempre obedecem à uma ordem cronológica que seria de esperar: mais antigos os mais globais e mais recentes os mais restritos, porque derivada daqueles. Por outro lado, a coerência nem sempre é apanágio do seu conjunto, usando-se uma terminologia nuns e outra terminologia noutros, veiculando-se nuns certas ideias e caminhos nuns que não constam noutros.

Tudo isto tende a provocar diversas leituras que correm o risco de serem mais subjectivas do que seria desejável, levando os professores a interrogarem-se sobre a validade e adequação dessas mesmas leituras de documentos que se pretendiam objectivos, a fim de servir de referencial nas tarefas de planificação a longo, médio e curto, no ensino em sala de aula e na avaliação dos alunos.

Considerando que as orientações curriculares e programáticas que sistematizámos para a área disciplinar acima referida são omissas em termos de

ancoragem teórica, decidimos analisá-las em função da teorização de organização do ensino e da aprendizagem apresentada por Robert Gagné.

Esta opção prende-se com o facto de se tratar de uma teorização informada em estudos vários e com boas provas dadas, apesar de nas últimas décadas ter sido escassamente referida na literatura, com particular destaque para o nosso panorama educativo. Isso dever-se-á à forte presença de outras correntes largamente aceites que advogam, nomeadamente, uma maior atenção aos interesses e necessidades revelados pelos alunos, os quais deverão nortear a escolha de conteúdos; à preparação para a vida quotidiana, com afastamento de conhecimentos não imediatamente aplicáveis; ao desenvolvimento de competências para resolução de problemas que a convivência social apresenta; à compreensão em detrimento da memorização.

Ora, a perspectiva do autor referido, ainda que dê relevo aos interesses e necessidades dos alunos, à preparação para a vida quotidiana, ao desenvolvimento de competências, com destaque para a compreensão, está longe de se centrar apenas no aluno como ser social e naquilo que o rodeia. De facto, assenta em que há um conhecimento exterior a transmitir-lhe e que o meio tem um papel relevante nessa tarefa, bem como na estimulação que lhe permite desenvolver competências cognitivas, motoras e afectivas.

O que referimos explica-se pelo facto de Gagné ter iniciado o seu percurso num quadro behaviorista ou neo-behaviorista, tendo integrado as formulações e descobertas cognitivistas, praticamente desde que elas começaram a assumir a importância que se lhes conhece desde a segunda metade do século XX.

Antes de avançarmos, devemos, pois, explicar melhor, ainda que brevemente, a perspectiva de organização do ensino que Gagné apresentou (1962, 1968) e que considerou fundamental na modificação das capacidades cognitivas dos alunos, fim último da educação escolar.

Começamos por referir que este autor, com base nos conhecimentos disponíveis, na altura, sobre a aprendizagem, sistematizou dois tipos de condições que interferem nela e que, quando são bem geridas, a potenciam e que designou por internas e externas.

As primeiras condições são inerentes aos alunos e incluem três factores: a *informação* que eles já possuem sobre o assunto que se lhes pretende ensinar; as *capacidades cognitivas* que previamente adquiriram; e as estratégias que o professor deverá organizar para ensinar de modo que eles aprendam. As segundas condições são situações e estímulos exteriores aos alunos e incluem igualmente três factores: a *contiguidade*, ou seja, o encadeamento dos conteúdos, segundo a lógica do mais simples para o mais complexo; a *repetição*, ou seja, o trabalho com os alunos até que as aprendizagens fiquem bem consolidadas na memória a longo prazo, tornando-se significativas e prontas a aplicar a outras situações, de modo rotineiro, tornando o tempo de resolução reduzido; e o *reforço* ou seja, o feedback frequente e positivo que se lhes deve dar, de modo a fixar as respostas desejáveis e motivando-os para novas aprendizagens (figura 1).

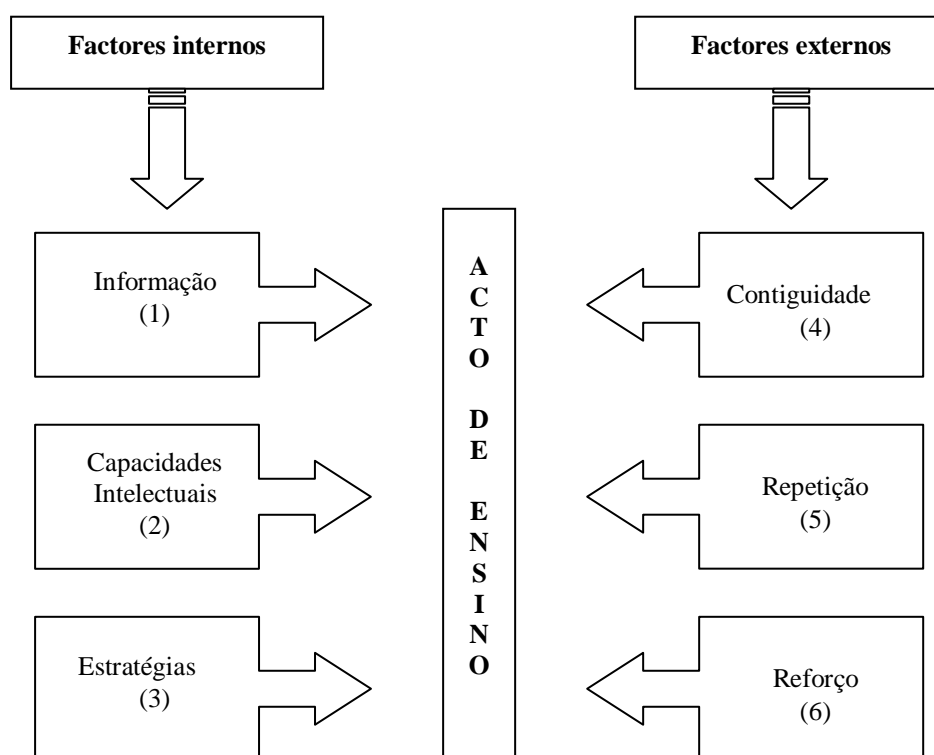


Figura 1 - Esquema de Robert Gagné
(Adaptação da ideia do autor, 1975)

Daqui se depreende que o professor, tendo em conta os resultados de aprendizagem que se pretendem alcançar, deverá organizar o seu ensino em

função das informações que possui e que vai recolhendo sobre os conhecimentos que os alunos já dominam e as competências intelectuais que evidenciam, bem como das orientações/ensinamentos que deverão ser sempre, pensadas e operacionalizadas, característica essencial para que os alunos retenham a informação dada e esta permaneça assim na memória de longo prazo. Proporcionar-lhe informação do meio, que se traduzem em estímulos que ao serem absorvidos no sistema nervoso central activam os receptores e que se transformam em informação neuronal que passa por sucessivas transformações desencadeando uma ou várias respostas (performances) a que se deve dar feedback, de modo que estabeleçam o reforço e, assim, consolidem as respostas desejáveis.

Trata-se, como se percebe de um modelo conceptual cujo ponto de partida são os alunos, mas com vista a modificá-los no sentido estabelecido no currículo, sendo, portanto, neles que se deve centrar a construção de todo e qualquer plano de instrução, palavra esta seleccionada criteriosa e justificadamente para designar esta ideia.

Aprofundando um pouco mais o seu modelo, Gagné identificou quatro formas básicas de aprendizagem: por sinais; por estímulo-resposta; por cadeias; e por associações verbais. Num contexto interactivo, o aluno capta estímulos que lhe vêm do exterior sob a forma de sinais, esses estímulos são transmitidos ao sistema neurológico levando a responder (figura 2).

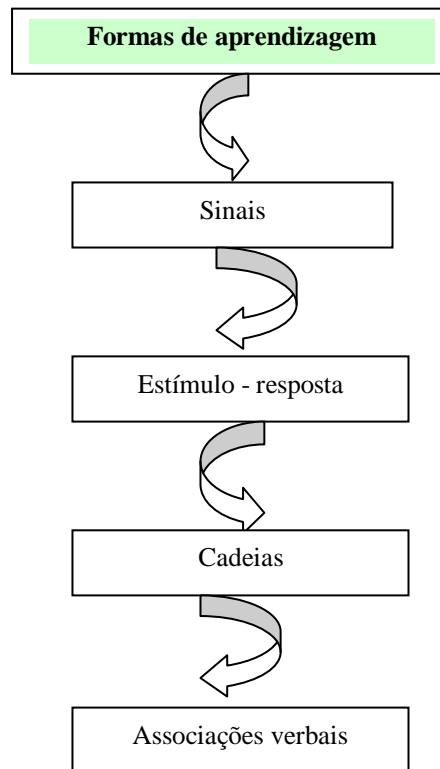


Figura 2 - Formas de aprendizagem
(Adaptação de Gagné, *The Conditions of Learning*, 1977)

Nem todas as aprendizagens se reduzem a uma destas formas, podendo uma ou duas delas constituírem requisitos para o aparecimento e desenvolvimento de outra ou outras.

Segundo Gagné, são quatro os elementos necessários à aprendizagem: a *pessoa que aprende*, deverá estar disponível e motivada para se envolver nas suas próprias aprendizagens; a *situação que estimula a aprendizagem*, que dependerá muito das escolhas do professor, nomeadamente das estratégias a que recorre, implicando a estruturação e flexibilização do currículo; a *memória* activada através de tarefas cognitivamente significativas que envolverão a memória a curto prazo e continuarão em estado de latência, de modo que a qualquer momento os alunos as possam utilizar; e a *reacção*, que depende dos conhecimentos que os alunos tiverem e da profundidade com que os dominam (figura 3).

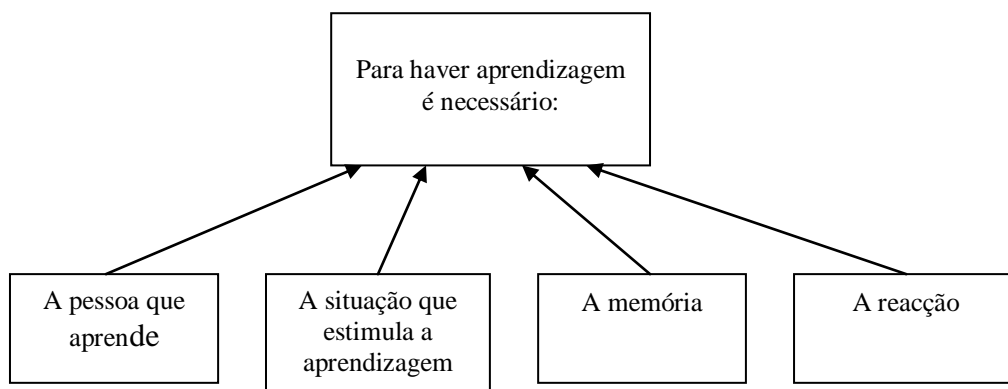


Figura 3 - Esquema de Gagné, 1975
(Adaptação)

O modelo em causa pressupõe que a actividade de ensino estimule diversas capacidades, a saber: habilidades intelectuais; estratégias cognitivas; informação verbal; habilidades motoras e atitudes.

As *habilidades intelectuais* constituem a estrutura mais ampla da educação formal, sendo certo que a sua estimulação só resulta quando estão prontas em termos cronológicos/físicos e devem ser sempre tratadas do mais simples para o mais complexo.

As *estratégias cognitivas*, são as que se podem resolver e que levam à maneira de pensar, sendo as que os alunos utilizam para resolver problemas. Estas não se pode confundir com as intelectuais porque estas são de nível interno, estruturam a maneira de pensar.

A *informação verbal* é a actividade que está retida na memória e que se pode mobilizar e estruturar de forma organizada. Gagné dá uma grande importância a esta actividade porquanto os alunos precisam de receber informações para tratar os temas escolares; por outro lado, a informação adquirida na escola será, por princípio, utilizada a qualquer momento da vida.

As *habilidades motoras e atitudes*, são acções do aluno que se traduzem na rapidez, precisão e rigor, por exemplo, bordar rápido e bem, dizendo que a prática faz a perfeição, não podendo assim confundir-se com meras reacções.

Devemos salientar que o ensino não se deve focar só numa capacidade, mas no seu conjunto, de forma integrada e equilibrada, de maneira que a aprendizagem evidencie equilíbrio (figura 4).

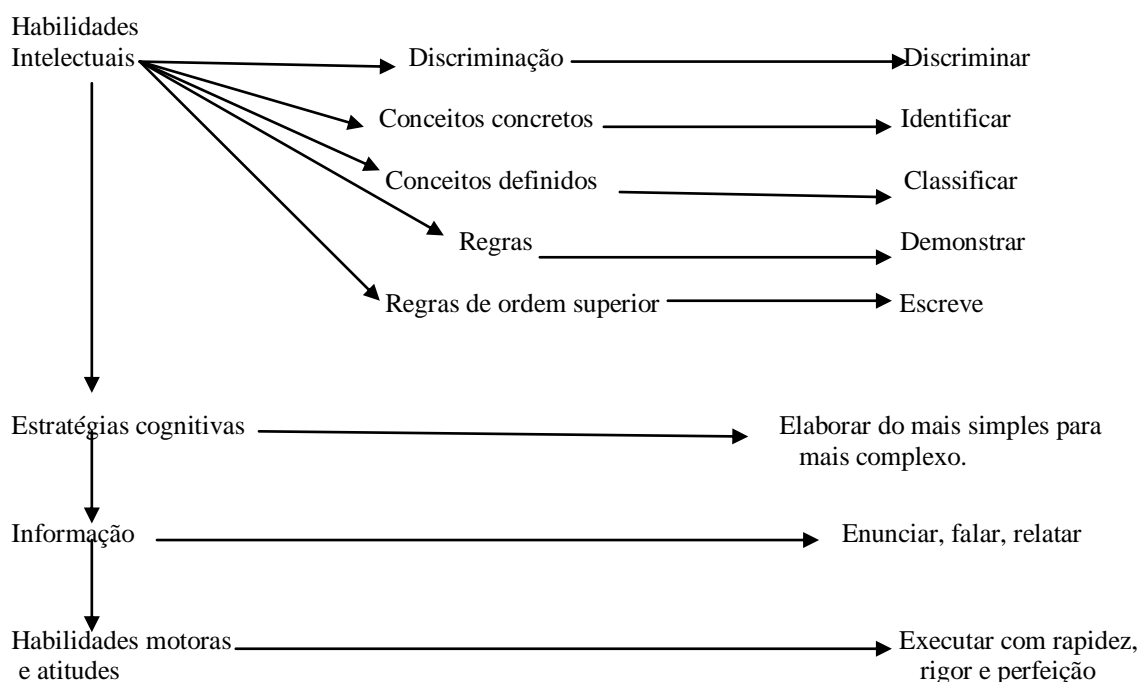


Figura 4 – Verbos que descrevem as várias capacidades para estruturar o ensino segundo Gagné (Gagné, 1987, adaptado)

Do que acima dissemos se deduz que Gagné defende que para haver aprendizagem, tem de haver instrução explícita e directa por parte do professor, segundo princípios e regras bem definidas e aplicadas. Esta afirmação, pela estranheza de que se pode revestir nos actuais discursos pedagógicos deve ser melhor explicada.

Salientamos, antes de mais, que o sentido da noção *instrução* não se pode confundir com aquele que lhe é atribuído quando nos referimos aos paradigmas tradicionais, ou seja, como passagem de informação em termos de conteúdos, com uma única direcção: do professor para o aluno. Reporta-se, isso sim, a um conjunto de acontecimentos que afectam os alunos de modo que aprendizagem parta de acontecimentos significativos para eles, tendo em conta o conhecimento prévio da situação em que se encontram em termos de ensino/aprendizagem. É a partir daí, e de acordo com as orientações curriculares, mas tratando-as em função do grupo-turma, que o professor traça os seus planos muito centrados no que se pretende que os alunos aprendam (objectivos) e nos processos estratégicos a implementar de modo a que os alunos adquiram competências, ficando com conhecimentos

retidos na memória a longo prazo, podendo accioná-los em qualquer situação escolar ou de vida na sociedade.

Essa instrução tem de ser criteriosamente organizada segundo uma ordem de complexidade crescente, significa isto que cada aprendizagem mais global, estabelecida no currículo prescrito, deve ser decomposta em sequências, desde as mais basilares até às mais complexas, nunca descurando que aprendizagens ulteriores carecem de aprendizagens anteriores (Festas, 1998, 28).

No que respeita aos objectivos, Gagné segue a mesma lógica: estes devem ser claramente definidos, inequívocos, adaptados aos alunos, devendo ter-se o mesmo cuidado de verificar a continuidade dos conteúdos programáticos, desejavelmente apresentados numa sequencia lógica, não dando azo a interpretações várias.

Gagné proporcionou, pois, um paradigma de instrução útil que se concretiza em vários passos: informar o aluno dos objectivos; apresentação dos estímulos ao aluno; fazer com que o aluno focalize a sua atenção nos estímulos; auxiliar o aluno a recordar o que já foi aprendido; proporcionar condições ao aluno que evoquem a realização da tarefa; determinar a sequência de aprendizagem mais adequada, e reforçar e orientar a aprendizagem.

Quanto às tarefas de aprendizagem Gagné apresentou, numa hierárquia, seis tipos de tarefas (*performance*): a resposta específica, o encadeamento ou articulações (*chaining*), a discriminação múltipla, a classificação, a utilização de regras e, mais complexa, a resolução de problemas (Joyce & Weil, 1980).

Vejamos: 1) A *resposta específica* é dada a um estímulo particular, em que a questão remete, apenas para uma solução, podendo conter, ela mesma, a resposta. O aluno estabelece, somente, uma associação simples entre o estímulo e a resposta; 2) No *encadeamento ou articulação (chaining)*, pressupõe-se uma série de respostas associadas entre si que o aluno deverá traduzir em frase com sentido e numa sequência lógica; 3) A *discriminação múltipla* envolve várias respostas que o aluno deve seleccionar e encadear, de molde a construir uma resposta com lógica; 4) Na *classificação*, o aluno categoriza os objectos tendo por critério as suas

funções e propriedades. Implica discriminação, descrição, comparação e contraste, resultando este processo em conceitos ou ideias; 5) A *utilização de regras* é a capacidade para actuar sobre um conceito que implica acção; 6) Por último, a *resolução de problemas* implica a selecção e a aplicação combinada de regras apropriadas, com vista à solução de uma dada situação problemática.

2.2. Objectivos de estudo, procedimentos e instrumentos

Centrando-nos, como referimos, na área disciplinar de *Estudo do Meio*, pretendemos averiguar se o Currículo (2001) e as Orientações Programáticas (reorganizadas em 2004) provenientes do Ministério para os quatro anos de escolaridade que constituem o Ensino Básico estão de acordo com a teorização de ensino preconizada por Robert Gagné, no que respeita, em particular, às capacidades cognitivas por ele enunciadas e que os professores terão de estimular.

Mais concretamente, quisemos perceber se estes dois documentos, que se constituem como guias fundamentais da planificação que os professores realizam e, decorrentemente, da sua acção explicitam as capacidades cognitivas: habilidades intelectuais, estratégias cognitivas, informação verbal e habilidades motoras e atitudes.

Para concretizarmos este objectivo, propusemo-nos realizar uma análise do Currículo e das Orientações Programáticas, considerando cada uma dessas quatro capacidades de cada vez.

Nesse sentido, construímos duas grelhas de registo muito simples que, de seguida, apresentamos bem como os modos de notação.

A primeira grelha – Grelha A – destina-se à recuperação, de modo muito sintético, de informação sistematizada no capítulo anterior que diga directamente

respeito às referidas capacidades cognitivas nas orientações para o Estudo do Meio nos dois documentos em questão.

Trata-se de um exercício que tem por fim, estabelecer comparações entre a informação do referido teor nos dois documentos. A existir coerência, como seria desejável, ambos remeterão, ainda que de modo diferente (um de modo mais geral e outro de modo mais específico), para as mesmas capacidades. Tem, ainda, outro fim que é estabelecer comparações entre a informação do referido teor ao longo dos quatro anos de escolaridade não dispensando nenhum deles a estimulação das capacidades em apreço.

O modo de notação é descritivo, ainda que o mais sintético possível, como apresentamos na grelha seguinte:

Grelha A – Capacidades cognitivas enunciadas por R. Gagné nos documentos curriculares

Ano	Documento curricular	
	Currículo	Programa
1.º ano		
2.º ano		
3.º ano		
4.º ano		

A segunda grelha – Grelha B – sistematiza a verificação da presença das quatro capacidades cognitivas nos quatro anos de escolaridade no que respeita à área disciplinar de Estudo do Meio.

Para procedermos a esse registo recorreremos a uma escala em três pontos:

1 – Ausente; 2 - Presença média; 3 - Presença forte.

Grelha B - Síntese da presença das capacidades cognitivas enunciadas por R. Gagné

Ano	Capacidades cognitivas			
	Habilidades intelectuais	Estratégias cognitivas	Informação verbal	Habilidades motoras e atitudes
1.º ano				
2.º ano				
3.º ano				
4.º ano				

1 – Ausente; 2 - Presença média; 3 - Presença forte

2.3. Capacidades cognitivas nas orientações curriculares e programáticas

Passamos, então, a analisar a presença das quatro capacidades cognitivas enunciadas por Gagné no Currículo e nas Orientações Programáticas, no que se refere ao Estudo do Meio para o 1º Ciclo.

a) Habilidades intelectuais

Em termos de síntese para esta capacidade definida por Gagné como sendo a estrutura mais ampla da educação formal. A sua estimulação só resulta quando existem os receptores neuronais constituídos em termos cronológicos/físicos e devem ser sempre tratadas do mais simples para o mais complexo.

Apresentamos os aspectos essenciais e que mais se destacam na grelha A a), a que se segue a ilustração com exemplos retirados dos próprios documentos:

Grelha A a) – Presença de habilidades intelectuais/ Currículo e Programa de Estudo do Meio

Ano	Documentos curriculares	
	Currículo	Programa
1º ano	Presença do processo de identificação. Por exemplo: - “Identificação de relações entre as características físicas e químicas do meio e as características e comportamentos dos seres vivos”.	Presença do processo de identificação. Por exemplo: -“Identificar características familiares (parecenças com o pai e com a mãe, cor do cabelo, dos olhos...)”.
2º ano	Presença do processo de identificação. Por exemplo: - “Identificar os principais elementos do meio físico e natural, analisar e compreender as suas características mais relevantes e o modo como se organizam e interagem, tendo em vista a evolução das ideias pessoais na compreensão do meio envolvente”.	Presença do processo de identificação. Por exemplo: -“ Identificar alguns cuidados a ter com a visão e a audição (não ler às escuras, ver televisão a uma distância correcta, evitar sons de intensidade muito elevada...)”.
3º ano	Presença do processo de identificação. Por exemplo: - “Identificar alguns objectos e recursos tecnológicos, reconhecer a sua importância na satisfação de determinadas necessidades humanas e adoptar uma postura favorável ao seu desenvolvimento.”	Presença do processo de identificação. Por exemplo: - “Identificar figuras da história local presentes na toponímia, estatuária, tradição oral...”
4º ano	Não são encontradas, de modo explícito, intenções de discriminação, identificação, de conceito e resposta a questões; nem tão pouco vestígios explícitos de que os temas sejam tratados do mais simples para o mais complexo.	Não são encontradas, de modo intenções, actividades de discriminação, conceito e resposta a questões; só a identificação continua a estar contemplada: - “Identificar as maiores elevações (Pico, Serra da Estrela, Pico do Areeiro)”.

Como se percebe, nos dois documentos de carácter macro, não se verifica a preocupação de contemplar as diversas habilidades intelectuais em causa.

No que se refere às habilidades Intelectuais, um dos termos essenciais e fulcrais desta actividade “identificação/identificar” ao longo dos três primeiros anos de escolaridade. No quarto ano, e ao nível do Currículo não são encontradas de modo explícito, intenções de discriminação, identificação, de conceito e resposta

a questões; nem tão pouco vestígios explícitos de que os temas sejam tratados do mais simples para o mais complexo.

b) Estratégias cognitivas

São as que se podem resolver e que levam à maneira de pensar, sendo as que os alunos utilizam para resolver problemas. Estas não se pode confundir com as intelectuais porque são de nível interno, estruturam a maneira de pensar. As competências emanadas dos documentos macro-curriculares, podem vir a desencadear estratégias cognitivas pelo modo como são apresentados, levando os alunos a reflectir e a solucionar questões propostas. Exemplos apresentados na grelha A b). Apesar disso como não há clareza na apresentação das competências que levem à explicitação das estratégias que levem ao desenvolvimento dessa capacidade.

Grelha A b) - Estratégias cognitivas/ Currículo e Programa de Estudo do Meio

Ano	Documentos curriculares	
	Currículo	Programa
1º ano	As habilidades cognitivas por exemplo: - “Preservar a saúde e segurança do seu corpo de acordo com o conhecimento que tem das suas potencialidades e limitações e respeitar e aceitar as diferenças individuais (idade, sexo, raça, cor, personalidade...)”	Ao nível dos conteúdos programáticos já poderão ser realizadas mais actividades de acordo com alguns conteúdos aqui mencionados e que desenvolvam as actividades cognitivas que Robert Gagné defende, como por exemplo: Bloco 2 – À descoberta dos outros e das instituições, no tema “o passado próximo familiar”; - “Localizar em mapas ou plantas o local de nascimento, habitação, trabalho, férias, ...” Para realizar esta actividade, os alunos têm que fazer uso de conhecimentos e evidências prévias.”
2º ano		
3º ano		
4º ano		

Nos dois documentos não se denota uma preocupação, por parte de quem o elabora, pois as competências não levam à explicitação de actividades que

desenvolvam a estratégia cognitiva, através do qual o aluno acciona mecanismos, com a orientação que o levam à maneira de pensar, chamado por Gagné como um processo de controlo executivo.

c) Informação verbal

É a actividade que está retida na memória e que se pode mobilizar e estruturar de forma organizada. Gagné dá uma grande importância a esta actividade porquanto os alunos precisam de receber informações para tratar os temas escolares; por outro lado, a informação adquirida na escola será, por princípio, utilizada a qualquer momento da vida.

Grelha A c) - Informação verbal/ Currículo e Programa de Estudo do Meio

Ano de escolaridade	Informação verbal	
	Currículo	Programa
1º ano	No currículo não está patente de modo explícito, competências que visem estratégias, que desenvolvam aprendizagens significativas de modo a que o aluno a retenha na memória a longo prazo e possa responder e aplicar a novas situações.	A exemplo do currículo, também no programa não está patente de modo explícito, conteúdos que permitam trabalhar este item.
2º ano		
3º ano		
4º ano		

Ao nível da informação verbal, segundo Gagné, trata-se de uma actividade que podemos mobilizar e que fica retida na memória, sendo estruturada de forma organizada, para que seja possível responder com pertinência e adequação às questões propostas quer na vida escolar, quer ao nível da cidadania activa.

As orientações vindas da tutela não demonstram preocupação ou demonstram ignorância por parte de quem as construiu, em abordar esta questão, de modo a que os professores, dadas as orientações desses documentos as pudessem operacionalizar consoante o grupo turma, mas que o fizesse realmente.

d) Habilidades motoras a atitudes

São acções do aluno que se traduzem na rapidez, precisão e rigor, por exemplo, bordar rápido e bem, dizendo que a prática faz a perfeição, não podendo assim confundir-se com meras reacções.

A exemplo do que nos mostra a grelha A d), diremos que estas estão patentes com mais clareza e objectividade, quer no Currículo, quer no Programa.

Grelha A d) - Habilidades motoras a atitudes/Currículo e Programa de Estudo do Meio

Ano de escolaridade	Habilidades motoras e atitudes	
	Currículo	Programa
1º ano	- “Participar em actividades lúdicas de investigação e descoberta e utilizar processos científicos na realização de actividades experimentais”. - “Conceber e construir instrumentos simples, utilizando o conhecimento das propriedades elementares de alguns materiais, substâncias e objectos”.	- “Realizar experiências com alguns materiais e objectos de uso corrente (sal, açúcar, vidro, areia, cortiça papel, cera objectos variados...)”
2º ano		
3º ano		
4º ano		

As habilidades motoras e atitudes serão as mais fáceis de encontrar quer no Currículo quer nos Conteúdos Programáticos.

Mas, estão somente referenciadas, o que consideramos incompleto, visto que não consta qualquer observação em relação à rapidez, precisão e rigor com que

estas actividades devem ser elaboradas. Isto tem a ver com os conceitos que os alunos têm na memória a longo prazo, “em forma lactente” e prontas a ser utilizadas sempre que necessário. Também estará interligado aos processos de rotina, defendidos por Gagné (como factor de sucesso escolar), visto que a prática desenvolve a rapidez, precisão e rigor, chegando à perfeição.

Síntese

Da análise realizada, concluímos que embora estejam contempladas algumas capacidades defendidas por Robert Gagné, não estão, no entanto, patentes de modo explícito de forma a serem trabalhadas pelos professores.

A capacidade que encontra mais ausente, como se poderá verificar pela tabela é a informação verbal, que mais uma vez, não está contemplada de modo explícito para ser de fácil interpretação para os professores.

Da análise da grelha B, em relação às habilidades intelectuais, verificámos que há uma presença média, quer no Currículo quer no Programa em relação a todos os anos na área de Estudo do Meio. Em qualquer destes documentos macro curriculares possui, na maior dos casos a terminologia a que obedecem às regras de explicitação as habilidades intelectuais.

Nesta área, os documentos da tutela não definem que as tarefas sejam orientadas segundo uma ordem do mais simples para o mais complexo, factor defendido por Gagné.

Grelha C - Compilação da análise dos dados da grelha A e da grelha B, em relação às capacidades enunciadas por Gagné e que o ensino deve estruturar

Estudo do Meio 1º Ciclo	Habilidades intelectuais	Estratégias cognitivas	Informação verbal	Habilidades motoras e atitudes
1º ano	2	1	1	2
2º ano	2	1	1	2
3º ano	2	1	1	2
4º ano	2	1	1	2

1 - Ausente; 2 - Presença média; 3 - Presença forte

Conforme se pode perceber, não há preocupação deixando este ponto a cargo da decisão do professor através da flexibilização do currículo e dos conteúdos programáticos. Consideramos esta situação é um factor de risco, porque nem todos os professores possuem formação suficiente sobre esta temática, podendo assim, ser diluída e não ser implementada.

Um outro factor negativo que encontramos depois da análise realizada é que não está explícito nos documentos a necessidade de partir dos conhecimentos que os alunos possuem para os aplicar na sua vida prática, em relação a este item, ele é pouco claro e equívoco, podendo o professor desenvolver as actividades de acordo com o seu bom senso e ausente de qualquer referencial validado por estudos já efectuados.

Remetendo-nos agora à informação verbal e em relação a orientações dadas pela tutela, verificámos que não há alusão a este processo, sendo que fica, segundo a teoria de Gagné os documentos macro-curriculares muito aquém do desejado. Sem informação verbal há défice na retenção da memória que se não for estruturada de forma organizada, terá como impacto a inadequação a respostas às solicitações, facto que conduz ao insucesso escolar. Neste ponto, os documentos normativo legais não estão em consonância com a teoria de Gagné, não podendo assim incutir a culpa e falta de formação dos professores.

Por último e em relação às habilidades motoras e atitudes trata-se das capacidades que estão mais patente nos documentos da tutela.

Apesar disso, estão somente referenciadas, o que consideramos incompleto, visto que não consta qualquer observação em relação à rapidez, precisão e rigor com que estas actividades devem ser elaboradas. Isto tem a ver com os conceitos que os alunos têm na memória a longo prazo, “em forma lactente” e prontas a ser utilizadas sempre que necessário. Também estará interligado aos processos de rotina, defendidos por Gagné (como factor de sucesso escolar), visto que a prática desenvolve a rapidez, precisão e rigor, chegando à perfeição.

Reflexão final

Ao terminarmos a nossa dissertação tecemos algumas considerações decorrentes da análise documental e da revisão da literatura.

Do Currículo Nacional do Ensino Básico retirámos as competências gerais sobre as quais realizámos uma breve explanação, sobre a área acima referenciada. Neste ponto temos a acrescentar que orientações curriculares da escola e o trabalho realizado pelo professor possuem uma direcção bidireccional, isto é a escola é a instituição de excelência para o desenvolvimento do currículo através da implementação dos conteúdos programáticos, sendo estes sujeitos às exigências do contexto social.

Para que seja exequível o que acima referenciámos, fizemos uma pesquisa exaustiva ao nível das competências e operacionalização transversal das mesmas, emanadas no currículo e que apresentamos através dos quadros apresentados no capítulo I. Depois da observação, da esquematização das referidas competências, verificámos que elas correctas do ponto de vista terminológico, sendo formuladas com verbos no infinitivo e em relação à sua operacionalização também não oferece equívocos, em termos terminológicos, tornando-se de leitura acessível ao docente.

Os documentos normativo-legais apontam para objectivos, tendo em conta determinadas dimensões, pessoal, aquisição intelectual e cidadania, isto é, o professor ensina para que o aluno atinja determinadas competências de modo a desenvolver e adquirir noções ao nível do foro intelectual, de modo a crescer como

pessoa capaz de accionar conhecimentos e a aplicá-los, quer em termos académicos, quer em termos de vida social activa, tornando-se um cidadão construtivo na sociedade.

Quando o professor é confrontado com competências e independentemente de possuírem um carácter claro ao nível da sua leitura e da sua apresentação; pelas suas características vagas, poderão levar sempre a uma subjectividade por parte de quem as lê e as implementa. Logo será necessário especificar objectivos de acordo com o grupo turma, com meio contextual, as vivências anteriores, as expectativas em relação ao futuro; de modo a adquirir as competências designadas pela tutela.

No que diz respeito aos objectivos específicos, podemos observar que estão mal definidos, apresentando-se redigidos como se fossem processos de operacionalização. Este facto impede uma leitura assertiva, rigorosa e objectiva por parte do docente utilizador.

Desta reflexão surge-nos uma realidade com que a Escola se debate. Se os documentos macro-curriculares não estão bem organizados, abre brechas aos professores para que cada um tome decisões consoante a interpretação que faz do documento, que não claro leva à subjectividade e à variabilidade de actuações didácticas de escola para escola.

No quadro das competências específicas para área de Estudo do Meio do 1º Ciclo do Ensino Básico, estas surgem como processos de operacionalização, extremamente compartimentadas em módulos estanques que contraria a transversalidade do 1º Ciclo, pois nesta faixa etária, uma aula não deverá surgir como uma unidade curricular compartimentada e separada de todas as outras (relembramos que o 1º Ciclo é em regime de monodocência) áreas; mas sim poderá surgir de uma palavra, de uma novidade, de uma conversa..., que o professor deverá aproveitar para iniciar um determinado conteúdo. Embora o documento da tutela, não faça referência ao momento em que se introduza um determinado conteúdo em situação de ensino aprendizagem. Os professores menos experientes poderão colar-se demasiado às orientações da tutela, castrando

o desenvolvimento pretendido nos alunos deste ciclo, sendo um erro pedagógico que se manifestará a longo prazo.

Em relação à sistematização dos blocos de conteúdos a serem abordados de acordo com a complexidade cada nível. São eles: à descoberta de si mesmo, à descoberta dos outros e das instituições, à descoberta do ambiente natural, à descoberta das inter-relações entre espaços, à descoberta dos materiais e objectos, à descoberta das inter-relações entre a natureza e a sociedade, observámos que a leitura do documento é pouco clara, muito compacta, apesar da separação em blocos e com um programa muito intenso para o 1º Ciclo apesar da flexibilidade que se preconiza.

Gagné defende através dos seus estudos científicos que para ensinar o professor deve ter em conta as capacidades por ele referenciadas, o que se torna uma tarefa difícil, pois os documentos macro-curriculares que devem nortear o seu trabalho não se encontram explícitos nesta área de capacidades

Em relação às habilidades intelectuais, existem explicitamente ao nível dos objectivos/competências, patentes nos referidos documentos, por exemplo: identificar. Deprendemos assim que existe aqui uma lacuna que poderá levar os professores a leccionarem as suas aulas não rentabilizando as capacidades intelectuais referidas por Gagné de modo inconsciente, pois estas não vêm explicitadas nos documentos da tutela. No que diz respeito às estratégias cognitivas, elas não vêm explícitas nos documentos. Em relação à informação também não está explícita nos documentos macro-curriculares, no entanto os professores, na sua prática interactiva já a consideram prática corrente. À medida que o professor vai interagindo com os alunos, vai falando, vai pedindo opiniões, vai pedindo explicações...

As habilidades motoras e atitudes são as que estão mais explícitas no currículo e no programa, por exemplo, elabora/elaboração, executa/execução, realiza/realização. Apesar disso em nosso ver, tendo como base o referencial de Gagné, concluímos que a explicitação não é completa, pois não apela à rapidez, rigor e perfeição. Estas características das habilidades motoras e atitudes são

muito importantes, pois são elas que desencadeiam os processos de rotina, ficando como consequência os conhecimentos retidos na memória de longo prazo, prontos a serem accionados em qualquer acção futura.

Em jeito de síntese final e dentro da temática desta Dissertação, passaremos a apresentar vários aspectos dignos de reparo nos documentos macro-curriculares.

- a extensão de cada um destes documentos, que no caso do Currículo se traduz em várias páginas de orientações gerais e outras tantas páginas para o ensino da área referida anteriormente e o Programa extenso que abrange desde as orientações até aos conteúdos, metodologias, recursos e avaliação;

- a forma pouco clara como se apresenta a informação, no que concerne às competências, sendo em número bastante elevado que se dissipam ao longo do texto, há a referir ainda neste ponto a linguagem incompreensível que envolve a informação patente no documento, prejudicando a interpretação de expressões, originando diversas leituras num documento tão importante como é o Currículo que serve de base ao Ensino Básico e transformando-se num autêntico “enigma”;

- a apresentação do Currículo e dos conteúdos programáticos decretados pelo Ministério originam várias interpretações, dimanando assim um trabalho alheado das linhas orientadoras;

- a desigualdade patente no Ensino Público, resultado das diferentes leituras em virtude dos documentos não terem uma linguagem clara e precisa.

Em relação às orientações curriculares patentes nos documentos macro-curriculares, constatámos que na área do Estudo do Meio, concretamente no 1º Ciclo; uma grande maioria não comporta a presença das capacidades de aprendizagem de acordo com o pressuposto inerente à teoria de Gagné.

Somos, pois, de opinião que é urgente repensar e reformular os documentos normativo legais, de modo a originarem uma base mais sólida e esclarecedora, possibilitando assim um maior sucesso no ensino aprendizagem.

Referências bibliográficas

- Damião, M. H. (1996). *Pré, inter e pós-acção: Planificação e avaliação em pedagogia*: Livraria Minerva Editora
- Gagné, M.R. (1975). *Essentials of Learning for Instruction*. Illinois: The Dryden Press Hinsdale.
- Gagné, M. R. (1987). *Instructional Technology: Foundations*: CIDADE Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Gagné, M. R., Briggs, J. L., Wager, W.W. (1989). *Principles of Instructional Design*. Library of Congress Cataloging-in-Publication
- Januário, C. (1996). *Do Pensamento do Professor à Sala de Aula*: Livraria Almedina Coimbra
- Mialaret, G. (1979). Prefácio. In M. Postic. *Observação e formação de professores*. Coimbra: Livraria Almedina, 7-8.
- Pacheco, J. A. (2001). *Currículo: Teoria e Práxis*. Porto: Porto Editora.
- Rafael, M. (s.d). *Contributos de Jerome Bruner e Robert Gagné para a aprendizagem e o ensino* (policopiado).
- Shavelson, R. J. & Stern (1981). Research on teachers' pedagogical thoughts, judgements, decisions and behaviour. *Review of Educational Research*, n.º 51
- Shulman, L. (1989). *Paradigmas y programas de investigación en el estudio de la enseñanza: una perspectiva contemporánea*. In M. Wittrock (ed). *La investigación de la enseñanza I*. Barcelona: Ediciones Paidós.
- Zabalza, M. A. (1992). *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*. Porto: Edições Asa.
- Yinger, R. J. (1986). *Examining thought in action: a theoretical and methodological critique of research in interactive teaching*. *Teaching & Teacher Education*. Vol.2, 3, 263-282.

Legislação e documentos curriculares

Decreto-Lei n.º 6/2001 de 18 de Janeiro

Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto e o Despacho Normativo n.º 98-A/92, de 20 de Junho, alterado pelo Despacho Normativo n.º 644-A/94, de 13 de Setembro.

Lei n.º 49/2005 de 30 de Agosto (Lei de Bases do Sistema Educativo) reformulação da Lei n.º 46/86 de 14 de Outubro *Diário da República*, I Série.

Ministério da Educação/Direcção Geral do Ensino Básico e Secundário (1991). *Organização Curricular e Programas*. Vol. I e II. Lisboa: ME/DGEBS.

Ministério da Educação/Departamento de Educação Básica (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico: Competências essenciais*. Lisboa: Ministério da Educação/ Departamento de Educação Básica

Sites na Internet

Site – http://www.dgidec.min-edu.pt/basico/Paginas/Org_Curricular1ciclo.aspx

Site – <http://www1.ci.uc.pt/cd25a/wikka.php?wakka=HomePage>

Site - <http://www.dynamiclab.com/moodle/mod/forum/discuss.php?d=419>